

A CARTA PERDIDA (O SO DA SUCESSÃO)

de Ivo Luca Caragiale

(trad. e adapt. Grupo de Teatro Experimental
Boca do Forno)

(42)

PERSONAGENS:

Fanica Tipoteze, Governador civil.

Agathe Sandanache, viúva de 1845.

Isacostas Trehanache, presidente da Comissão Permanente do Mandato Eleitoral,
da Comissão Eleitoral e outras comissões.

Isé Trehanache, mulher de Isacostas.

Sr. Parfuzidi, advogado e candidato do mesmo partido de Isacostas.

Lordo Ivasanachescu, amigo e correspondente de Parfuzidi.

Sr. Catsewenco, advogado, diretor-proprietário do jornal "O Direito das Un-
ões", presidente-fundador da Sociedade Acadêmica Local
e revista "Revista Econômica Social" e candidato da oposição.

Alina Priptanda, chefe de polícia.

Cidadão embriagado.

Moleiros e cidadãos.

A ação se passa na capital de um distrito, no fim do século XIX (1895).

I.ATO

Fânica, Tipatenco, um pouco agitado, passeia pela sala com roupa de dormir. Gaitina Frislanda, de pé, um pouco para o fundo, distrai-se com sua sapinçada.

Tipatenco (acostumado de ter uma frase no jorral) - Filhos da puta!... "Vagorinha a nossa cidade que traza diabo de um homem. Vergonha ao governo desaturado que abandona uma das mais belas regiões do nosso país às garras de um vampiro..." (indignado) Eu, vampiro? Vê! É um aborrido!

Frislanda (igualmente indignada) - Exatamente, um aborrido! Mas, sr. Fânica, um vampiro? O que é um vampiro?

Tipatenco - É um... é alguém que suga o sangue do povo... Éa, eu sugo o sangue do povo?

Frislanda - O sr. Fânica suga o sangue do povo? Isso é bom, bem bom.

Tipatenco - Miserável!

Frislanda - Exatamente, miserável!

Tipatenco - Uma infâmia!

Frislanda - Exatamente, uma infâmia!

Tipatenco - Ser ele o eleito? Ah! pode esperar!

Frislanda - Exatamente, pode esperar!

Tipatenco - Apesar dessa cantada de palavras, dessa palavra-mocinha, que ele chefia, não terá chance nenhuma. Mas que eu seja enforcado!

Frislanda - E eu, também!

Tipatenco - Enfim, vamos desistamos viver como um cão.

Frislanda - Exatamente, como um cão!

Tipatenco - Estou dizendo que estou à noite...

Frislanda - Pois é, como eu disse, sr. Fânica, estou à noite eu estou muito do cansado... porque o senhor tem sabe que eu posso... disse do chefe do polícia não tem tempo pra nada, nem pra comer, nem pra beber, nem pra fazer as coisas...

Tipatenco - Éa, éa, éa.

Frislanda - Que sua licença, sr. Fânica... bom... a vida tá difícil, é... vou esperar por isso que ainda vai dar dia amanhã, "ô polícia porra do chefe do polícia não tem tempo pra nada, nem pra comer, nem pra beber, nem pra fazer as coisas..." é isso.

do não faz ideia do que um homem faz em casa; não se interessa nada pelo serviço. Mas veja: três filhas e tão pouco dinheiro! Família grande e salário mísero nos dias de hoje não dá!

Tipatenco - Até aí concordo com você: nos dias de hoje você ganha realmente muito pouco, mas é os transtornos que você faz aqui e ali por aí na cidade disso. Afinal, era o governador... mas não digo por isso, não. tenho que aos funcionários saiba fazer a coisa "directa, faça vista grossa... mas conta-se logo essa história de antes é muito. Então com pressa.

Fristanda - É verdade. É uma hora de manhã. Quando passei pelos fundos da Câmara, junto do tapume das obras da Baile, vi luz acesa em casa de quem se "incidentalmente" sr. Das Cataratas. Como se pensa no serviço, tive uma ideia: se eu existisse alguma coisa na casa dele não seria nada mau... Ouvir como um gato, trepei ao tapume, cheguei à janela que estava aberta e vi e ouvi como estava aqui. o vô-lo e ouvi-o, sr. Fátima, como se estivesse no teatro.

Tipatenco - E depois?

Fristanda - Estavam jogando cartas.

Tipatenco - Quem estava lá?

Fristanda - A esposa dele, alguns fumavam e outros conversavam.

Tipatenco - É o Cataratas, o que falava de mim?

Fristanda - Falava das trapalhadas do Governo e das leis, sr. Fátima, com uma "língua... e contava os votos dele.

Tipatenco - Traições! Fraquezas!

Fristanda - Mentiras, fraquezas!

Tipatenco - Deixa, deixa-me sozinho!

Fristanda - Ah, sr. Fátima, palavra para palavra e o Cataratas das que tem um tranfo nas mãos com o qual vai conseguir o mandato de deputado. Tiro do bolso uma carta quando um deles dá pra ele... Ele ler enquanto ele fumava e o cigarro, tudo isso a janela, quando o cigarro e jogou o fôlego como se não fosse nada, então o equilíbrio e daí sobre um idiota que ia passando perto do tapume. O idiota começou a gritar e os de cada lado por a janela, mas aí eu já tinha me escondido na porta da câmara.

Tipoteasco - E depois?

Prisenda - Vou lá, mas já tinham fechado as janelas.

Tipoteasco - Que diabo seria? Que carta? Não suspeito de nada... Chitão, talvez de ir almoçar com o sr. Zacarias Trahaszke e a mulher dele, dona Bob, que nunca almoça sem mim.

Prisenda - Quais são as ordens, sr. Fanico?

Tipoteasco - Vai apurar do que se trata a carta e quem é o alvo.

Prisenda - Entendido, sr. Fânica.

Tipoteasco - Tinha que desvendar esta história, não porque eu tenho medo das intrigas escarpadas de um Centavento, mas porque seria esmagado torná-lo inofensivo e depois massacrar as peças na caldeira...

Prisenda - Bastamente, massacrando "uma inocência".

Tipoteasco - Espere um minuto que vou mudar de roupa. Vouco sair portanto: ali da tenho uma coisa pra te dizer.

Prisenda - Não se mexe daqui, sr. Fanico. (Fanico sai pela esquerda). Para profissão sua de chefe de polícia. Não, mais uma vez não vou ouvir seu raciocínio: "Chitão, Chitão, lembre-lhe as botas, mas apresente-lhe a conta, porque o Farto não acredita no esbanjamento..." É o que eu digo, exatamente. Este sr. Fanico, por exemplo, o que é que ele não tem? Tem uma noção que é bem dele, um cargo que é bem dele, a dona Bob, que é bem dele, embora seja casada com o Zacarias, o velhinho que não sabe de nada... Mas, e eu? Fânica grande, anfitrião mínimo e cacho que servi-los. [Levanta-se para ceder a um curto]

Zacarias (entrando pelo fundo sem ver Chitão. Está agitado) - Ah! Que sociedade corrupta. Não há moral, não há princípios, não há nada ali; o interesse, só o interesse! Meu filho estúpido é quem tem razão - é amor mas é preceito, vai ser sério o rapaz. Ainda ontem me mostrou uma carta em que dizia: "Farto... não há moral, há corrupção, e uma sociedade sem princípios é a mesma que dizer que não se tem." (respira em Chitão que se levanta) estava ali?

Prisenda - Naturalmente, aqui, sr. Zacarias, para o sair.

Zacarias - O Fânica não?

Prisenda - Não. Já saiu, ~~mas~~ Zacarias, ele vem lá, está aqui no lado...
Falta ele aí.

Tipoteuco (entrando pela esquerda; fica surpreso ao ver Zacarias) - Meu caro Zacarias! Na sua entrada de almoço? Que aconteceu?

Zacarias - Uma história dos diabos, um absurdo. Fânica. Espere que eu te conte a coisa. (Fânica olha para andar Olívia embora).

Fristanda (percebendo, rápida) - Há alguma coisa, sr. Fânica?

Tipoteuco - Não... não sei nada do que se disse. É preciso por esse negócio a limpo o quanto antes.

Fristanda - Meu caro Zacarias, o que tem pra se dizer é ainda tão urgente? Não poderíamos falar ao almoço?

Zacarias - Um momentinho de paciência... a Zôé não deve saber de nada. Eu conto a história, Fânica. (Senta-se na cadeira do Governador)

Tipoteuco (vendo as horas; e Fristanda) - Então, Olívia, passa pela casa do sr. Zacarias e deixa um recado para dona Zôé esperar um pouquinho mais para o almoço, pode tanto que discutir política entre si.

Fristanda - As suas ordens, sr. Fânica. (Dirige-se para a porta de fundo. Fala direita, aparece a mão de Zôé chamando Fristanda com o dedo e com as "palas". Tipoteuco volta-se e vê Fristanda que se dirige à porta da direita).

Tipoteuco - Ei! Onde vai?

Fristanda (respeitando-a assim para se calar; mostrando Zacarias) - Uma senhora o senhor se mandou, sr. Fânica.

Tipoteuco (sem compreender) - Então porque não sai pela porta da frente?

Fristanda (mesma coisa) - Naturalmente... pela frente. (Dirige-se à porta de fundo. Tipoteuco volta-se para Zacarias. Espete-se a cara de zôé. Tipoteuco volta-se de novo e vê Olívia sair rapidamente pela direita. Sem compreender, sacode os ombros e volta-se para Zacarias).

Tipoteuco - Vamos lá, então, meu caro Zacarias, o que não diga de imediato? Está com um ar...

Zacarias - Um momentinho de paciência, já vai vir. Esta manhã eu fui levejada quando meu café quando o mordomo entrou no meu quarto com um bilhete dizendo que estavam à espera de uma resposta... E de que vale isso que era o bilhete?

Tipoteuco - Não sabe nada.

Secarias - Ao excelentíssimo sr. Mde Catavencos.

Tipetresco - Ao Catavencos?

Secarias - Eu disse com meus botões: que relações tem o Catavencos consigo ou se com ele? Pelo que se consta, sempre fomos inimigos.

Tipetresco - Naturalmente... e então?

Secarias - Espere, já vai ver. (Tira um bilhete do bolso e estende-o a Tipetresco)

Tipetresco (tomando o bilhete e lendo) - "Ao excelentíssimo sr. Secarias Trabacudo, presidente da Comissão Recusante do Mandato Eterno, da Comissão Eleitoral, da Comissão Agências e outras Comissões. Nota". (Tira o papel do envelope). "Excelentíssimo e venerável presidente, no interesse da nossa terra de cidadão e do chefe de família, pedimo-vos para passar hoje, entre nove e dez horas da manhã, pela redação do "O Grito das Urnas" e pedir da campanha a Comissão da Presidência onde vos será comunicado um documento da mais alta importância para nós...

Vossa Excelência Catavencos, Diretor-procuratório do jornal "O Grito das Urnas" e presidente-fundador da Campanha a Comissão da Presidência"... E então? Que documento era este?

Secarias - Na momentinho da paciência, vai ver. Eu disse com meus botões: não vou se se fosse lá, pelo menos por curiosidade, para ver que trama ele teria inventado agora?... Visto-se depressa e lá foi eu.

Tipetresco - À casa do Catavencos?

Secarias - Sim. Assim que eu entro eu se oferece respeitosamente uma poltrona e "meu venerável pro ca, meu venerável pro lá", e toda espécie de demagogia... Eu, sempre sério, digo-lhe para se apressar logo o documento e ele vem com uma ladainha: "excelentíssimo sr. Secarias amigo"... depois começou a fazer que se eu liberassem sempre compressões de abridores e as qualidades da tal do sr. amigo. E eu, mais frio, disse: "basta-se, excelência, um bom artigo de paciência. Mostre-me logo o documento". Quando o sr. depois viu que eu o importava, mostrou-me uma cartinha... Advinha de quem e para quem?

Tipetresco (devendo de uma dificuldade a cartinha) - De quem, de quem e para quem, Secarias?

Zacarias - Espere, já vai ver. (Separando bem as sílabas e rindo) De você para a Zô, para a minha mulher. Uma carta de amor no mais alto estilo.

Tipatenco (muito agitado) - Não é possível, não é possível!

Zacarias (rindo, incrédulo) - Eu a li dez vezes, pelo menos. Saí-a de cor. Agora ouça: "Tinha querida Zô, e venerável (quer dizer, eu) vai esta noite à reunião (quer dizer, à reunião de senhores à noite) Eu (quer dizer, você) não posso sair de casa porque espero importantes telegramas de Sacramento aos quais terei de responder imediatamente: é mesmo possível que o próprio ministro me chame pelo telegrafo. Portanto não me espere e vá você (quer dizer, minha mulher, a Zô) à casa do teu paião (quer dizer, você) que te adora e te sorvia até beijos, Fátima..."

Tipatenco - É inacreditável! Eu arrebento o fedinho desse bandido! É inacreditável!

Zacarias (tranquilo) - Claro que é inacreditável! Poderia imaginar semelhante casualidade? (Com ingenuidade) Mas sua cara, se você virasse como saltaram a tua letra! Não tem que você até juraria que era a própria (ri).

Tipatenco (cada vez mais furioso) - Miseráveis!

Zacarias - Em momentos de paciência... você só tem que chegar a ela e dizer aquilo que eu disse: "Escritória, o senhor pode ser bom em matemáticas, mas crêdo isso não paga..." Agora, segure-se bem: quando ela vir que eu não ia ao golpe, sabe o que fará? Digamos que eu não desse importância ao caso; o público o farta, porque a carta seria publicada no "O Crito das Unhas" de domingo para ter todos os seus.

Tipatenco (lento de rede) - Eu não! Eu não! Com o trago aqui imediatamente, vivo ou morto. MAS COM A CARTA! (vai para o fundo) "Quitar" Chama o chefe de polícia!

Zacarias (vão e seguiu até a porta) - Um momentinho de... (volta-se, calado) É importante e isto é não para um governador civil... mas a cidade com moral e com princípios... é preciso na primeira de diplomacia.

Tipatenco (voltando do fundo) - Infame! Canibal!

Zacarias - Acalmo-se num canto, e deitamos de lado essas botijas. Tenho coisas mais sérias a tratar. Esta noite há reunião. Está decidido? propõe-se a candidatura da avó. Parafasit? que fazemos? Eu vou-me que esta noite o Carnevencio e todo seu bando pretendem fazer barulho. É preciso avisar o Milton para que fique a postos. Este trapalhão do Carnevencio pediu a palavra esta noite para nos atacar...

Tipatesco (ainda nervoso) - Não tenha receio, meu caro Zacarias. Esta noite o senhor Carnevencio não estará na reunião, mas em outro lugar. É agora.

Zacarias - Então, vamos atacar?

Tipatesco - Não, meu caro Zacarias, obrigado. Tenho que trabalhar. Recomendações à dona Zé.

Zacarias - Está bem, mas vá jantar em casa com tanta. Esta noite vou à reunião; portanto você tem que ficar fazendo companhia a Zé. Ela se aborrece sozinha, coitada. Depois da reunião fazemos uma partida.

Tipatesco (estupefado) - Está bem, meu caro Zacarias.

Zacarias - Até logo, Fátima.

Tipatesco - Até logo, meu caro Zacarias...

Zacarias (dirigindo-se à porta, conduzido por Tipatesco) - E não se deixe por qualquer patifaria que se descobre. Não vê como é o mundo em que vivemos? Uma sociedade sem moral e sem princípios, não se trata de resolver tudo. Imita-se de agastar com muita paciência... (sai pelo fundo).

Tipatesco (voltando e sentando-se numa cadeira) - que fazer? que fazer? É o Milton que não me aparece!

Zé (entrando pela direita e chegando rapidamente junto dele) - Parafasit! não!

Tipatesco (levantando-se de um salto) - Zé... você já está?

Zé (deitada) - Já, estou perdida, Fátima. Eu sei, estava aqui no início e apesar do Zacarias não acreditar, não tive coragem de aparecer... Que tudo, tudo, estou perdida, Fátima... (Entra o Milton quando ele já saiu (Tipatesco compreende) e continuando sozinho, não ele pode se salvar,

Tipatesco - Como foi que você acabou?

Isé - Logo depois que o Decretum... Seja... (dá-lhe uma carta).

Tipatenco (lendo) - "Securissima senhora, a nossa redação está de posse de um documento assinado pelo nosso amável Governador e que vos é entregue. Este documento poderá ser-vos cedido em troca do nosso apoio junto de alguns poucos em questão. Então, pois, a honradez de passar esta mensagem em nossa redação, afin de regularizarmos este assunto de modo satisfatório para ambas as partes..." (desesperado) Mas como, como? Quando você perde aquela carta, Isé?

Isé (acordando) - Não sei... aconteceu à noite, quando sai de sua casa, ainda a tinha; quando cheguei à escola... já não tenho certeza. Talvez ao tirar o lenço na rua, a carta tenha caído. Estava na mesma toca.

Tipatenco - Que azar!

Isé - Estive na casa do Catavento, é de já que eu vejo. Ele propôs-me devolver-me a carta com a condição de lhe garantir a eleição. Sem esta garantia não que publicarei a carta depois de amanhã...

Tipatenco (muito agitado) - É a luta por quartel. Ele quer a nossa pelo Tesouro que obter o dele... E o Chitua tem sempre razão...

Isé - Mande o Chitua à casa do Catavento para comprar a carta, seja pelo preço que for...

Tipatenco - Então o Chitua foi lá?

Isé - Foi (corre-se um ruído).

Tipatenco - Deve ser ele... (precipita-se para a porta do fundo, abre-a e fecha-a rápido) Ah, se eu não depreendo. (aperta-a depois e sai-se de lá pela esquerda)

Srs. Farfuridi e Iséa entram correndo pela frente.

Sr. Brancovenco - Talvez não seja nada disso. Talvez se trata de uma coisa muito completamente inventada para intimidar alguns habitantes...

Sra. Farfuridi (com intenção) - Eu vi o venerável Trabalhador entrar na casa do Catavento precisamente às dez horas, quando ia para o centro da cidade. Quer tenha ou não o que fazer, lá deu um jeito em vez para o centro...

Sr. Brancovenco - Sim, sim.

Sra. Farfuridi - Eu vi a nossa respeitável senhora Trabalhadora sair da casa do Catavento, também entre onze e lá pelas onze horas, quando

do voltava para casa. Com clientes ao não, às onze em ponto volte para casa...

I. Brancovenenco - Não compreendo.

Sra. Farfaridi - Não compreende o quê? Volto sempre às onze horas...

I. Brancovenenco - Não é isto, minha cara. Não compreendo nada destas entrevistas com a oposição. Primeiro, você via o Trehanache e depois a sra. Trehanache. Eu, ainda agora, vi o Shitas entrar também na casa do Catavenco...

Sra. Farfaridi (com intenção) - Então?

I. Brancovenenco (com suspeita) - Acaso entenceno não sendo traidor, hehe?

Sra. Farfaridi - Vou mais longe e digo: se o interesse do partido pressiona a traição, tudo bem; mas você não temamos conhecimento disso também.

I. Brancovenenco - O decernador deve nos dar a chave deste enigma... Ah, está aqui...

Tigabenco (entra pela escuridão, perturbado e fingindo estar à vontade) - Ora, boa tarde, excelências.

I. Brancovenenco (à parte) - Está pálido!

Sra. Farfaridi (à parte) - Via-nos e ficou vermelho! (Alto) Boa tarde, boa tarde excelências.

Tigabenco (colorecendo cada vez) - Sentem-se, sentem-se, por favor.

I. Brancovenenco - Obrigada, obrigada, excelências, mas estamos com pressa. Já passa do meio-dia...

Sra. Farfaridi - E eu, quer tenha ou não audiência, depois do meio-dia - em ponto vou ao tribunal.

I. Brancovenenco - Eis do que se trata, excelências: sejam breves... Na cidade... diz-se...

Sra. Farfaridi - Quer dizer... se se permite, sejam explicações: pouco de por as coisas nos lá... Corra e volte...

I. Brancovenenco - Corra e volte... de que o nosso partido apodera. Canso voua na convenção.

Tigabenco (perturbado) - Que partido? Que convenção?

I. Brancovenenco - Que partido? Essa agora!

Sra. Farfaridi - O nosso partido, claro. A sra. Trehanache, o sr. Trehanache, o senhor agora, nós e os nossos, deveríamos discutir as nossas ideias.

Tipatesco - É quem afirma isso? (ri contrafeito)

1. Brancovenenco - Não ria, excelência, não ria; já ameaçaram a dar com a língua nos dentes...

Sra. Parfuridi - É depois... como hei de dizer?... há indícios suficientes para se estar com a pedra atrás da orelha.

1. Brancovenenco - O sr. Trehanache foi visitar o sr. Catavenco... (Tipatesco solta um pequeno suspiro de admiração)

Sra. Parfuridi - A sra. Trehanache foi visitar o sr. Catavenco... (Tipatesco solta outro suspiro)

1. Brancovenenco - O sr. Ghina, o chefe de Polícia, foi visitar o sr. Catavenco...

Tipatesco - Certo?

Sra. Parfuridi - É que quer dizer toda esta agitação?

1. Brancovenenco - São - como hei de dizer? - temas medo do que as pessoas as comentam.

Tipatesco (nervoso) - É que comentam elas?

Sra. Parfuridi - Para falar francamente é sem razões, excelência, temas medo de ser traído. Ai está!

Tipatesco (revoltado) - Minha cara amiga é investigadora sra. Parfuridi, minha amiga está se tornando mais realista que o rei.

Sra. Parfuridi (com ar decidido) - Não há dúvida, excelência, quando se trata dos princípios, eu me torno, isto é, não, não me torno, eu sou mais realista que o rei.

Tipatesco (mais revoltado) - Senhora, não posso admitir semelhantes insinuações. Permitam-me que lhes diga que as considero um insulto!

Sra. Parfuridi - Não percamos a calma, excelência...

Tipatesco - Como é possível não perder a calma, essentialissima perdão! As senhoras vêm à minha casa dizer-me a mim que sacrificarei minha carreira pessoal para organizar o partido, porque eu sim, posso confessar-lo, nunca poderia ter me tornado um partido - vêm à minha casa atirar-me na cara que eu sou um traidor... Ah! não! Não posso acreditar em coisas...

1. Brancovenenco (tirando um papel do bolso) - Perdão, mas... veja o que estou distribuindo pela cidade, da parte do sr. Catavenco... está impresso, excelência!

Tipatenco (emocionado, arrancando-lhe a folha) - Impresso!

Sra. Farfuridi (arrancando-lhe, por sua vez) - Escutem-se! Com licença...

(Elle): "Informamos aos nossos correligionários que a candidatura do nosso amigo político, sr. Mac Catavencos, Presidente do grupo independente, está GRANDE garantida. Temos FORTE razão para crer que, TANTO o senhor Trahanache, velho e venerável presidente da Comissão Representante do Partido Externo, como o nosso jovem e honrado Governador Civil, concordarão que, nas circunstâncias em que o país atravessa, o nosso distrito não pode estar melhor representado do que por um homem independente como nosso amigo CATAVENCOS... O senhor Catavencos usará da palavra na reunião desta noite... Assim a Comissão do Grupo Independente". Então, o que se diz disto?

Tipatenco (à parte) - Não há um minuto a perder. (voto) Minhas senhoras, peço que se desculpem: assuntos importantes chamam-me com urgência ao telégrafo... Desculpem, mas... (sai pela porta de fundo)

I. Brancovenenco - Está agora, bem? Sem mais, sem menos!

Sra. Farfuridi - Mudando a porta embora!

I. Brancovenenco - Vamos à casa de Trahanache... aqui não há mais nada a fazer... sejam rápidas.

Sra. Farfuridi - Compasheira, sinto o cheiro de traição no ar... Que horas são?

I. Brancovenenco - Passa da sua.

Sra. Farfuridi - Passa da sua?!... Eu, a tua em ponto... (saindo, encontrando-se com Tipatenco que vem entrando)

Tipatenco - Então, minhas senhoras...

I. Brancovenenco - Não vamos embora, vamos embora, especialista. Não quero nos invenodi-se...

Sra. Farfuridi (grave) - Vamos embora, mas não se esqueça, especialista, que temos de mesmo partido... Come-se disto ainda a pouco a minha compasheira: adrite-se a traição (sem certo êxito) ao interesse do partido o amigo, mas que nos seja dada a colaboração... É por isso que repito sempre, tal como os nossos amigos passaram, mas a traição, mas pôde os traidores... Ficarei aqui, especialista.

Tipatenco (faciado) - Ah!

Boé (entrando rapidamente pela esquerda) - Já se foram? Você viu, Fandoca? Você ouviu? É o chatas que não há mais de vir... Fandoca, Fandoca, estamos correndo perigo terrível...

Tipatenco - Calê-se! Ven alguma aí, deve ser o Chitas. (Precipita-se pela porta do fundo pela qual entra o cidadão embriagado)

Cidadão (combalsado) - Um vovô criado. (Combate-se e solta-se durante toda a peça).

Boé - Quem é este agora?

Tipatenco - Você, o que deseja?

Cidadão - Eu?... (solta) eu sou eleitor...

Tipatenco (surpreso) - Como se chama?

Cidadão - Como se chama? O que isso interessa? A pergunta é: quem é seu eleitor de mão?

Boé - Está bêbado!

Tipatenco - Fala que vá para o inferno! Não tem ninguém na porta? Deixa entrar aqui todos os bêbados, todos os loucos... Vai embora, homem.

Cidadão - Não estou bêbado... (sorrindo, com malícia) Dese Boé... Bem, não já nos conhecemos... e o senhor Zacarias também me conhece, depois do 31 de março... e não digo que não, também gosto do sr. Catavento... não é da sociedade... Mas a pergunta é: eu, eleitor, contribuinte, eu... (solta) voto em quem? (solta), é por isto que estou aqui. (Combate-se).

Boé - Ponha essa pessoa para fora... está caído de bêbado...

Tipatenco (tentando levá-lo com dopura) - Vamos lá, é melhor sair. Nossa ocasião conversaremos.

Cidadão - Nossa ocasião por quê?

Boé - Briga!

Cidadão - O que é que nos impede agora? Não se ligam... estou um pouco... estou um pouco pouco... gostaria que tivessem visto como foi que cheguei a isto... (solta) Era uma coisa de tirar o sapo.

Tipatenco (shorrocido) - Vamos lá, tente compreender. (Tenta segurá-lo pela braga).

Cidadão - É que eu encontrei (solta) uma carta...

Tipatesco e Zé - Uma carta!

Cidália - Sim! (a Tipatesco) Uma carta sua a dona Zé... encontrei-a acidentalmente, na rua, ao sair da reunião... Imagino (sobejo) tomar este poder desde antanho até hoje de manhã!...

Tipatesco (precipitando-se sobre ela e apartando-lhe o pescoço com as duas mãos) - Miserável!

Cidália - Não sacode, não sacode! (sobejo) Eu fico tonto!

Zé - Deixa-a, Parica. Vamos ver o que diz.

Cidália - Isso! Deixa-me e vamos ver. Quando a encontrrei, aliás por curiosidade e fui ler debaixo de um poste de luz. Não tinha acabado, porque o sr. Catavento estava atrás de mim... queria me tirar a carta.

Tipatesco (desesperado) - E tirou?

Zé - E tirou?

Cidália - Sem pensar nisso! Meti a carta no bolso. O sr. Zé falou: está importante. Bem! Recebendo carta do Governador". Ele tinha conhecido a letra e pediu que eu desse a carta a ele... "ah", "não dou", "dê", "não dou"... até que ele me levou para beber um trago... dois... três... bebe um copo de pinga, toma lá uma cerveja... e aí ele quer pagar... e que bebi, caramba!... não acredito que consegui beber tanto!...

Zé - E a carta?

Tipatesco - A carta, (agarrando-a e ela com gritos) onde está a carta!

Cidália - Não quite (sobejo) que eu fico tonto. Minha cabeça está rodando. Eu tenho a carta. [Os outros dois olham-se desconfiados e impacientes] Claro, eu a tenho.

Zé e Tipatesco - Será possível?

Cidália - Claro. Eu a tenho consigo (procura nos bolsos) O sr. Zé dizia que me dava um dinheirinho por ela: e eu digo: "Não preciso do seu dinheiro, secretária... Gregor e Iva... sou contribuinte, eleitor... (sobejo e continua a procurar a carta. Para de procurar; depois, com simplicidade) Perdi?! (volta a procurar; depois, com convicção) Perdi!

Tipatesco - Ah!

Zé - O Catavento o roubou!

Cidália - Quer dizer, o sr. Zé é bem possível... Eu tomei um deslize!

poor... tinham que ver (Zé e Tipoteuco torcem as mãos de aflição) tinham que ver: bebe um copo de pinga, toma mais uma cerveja, bebe lá outro copo... toma mais uma...

Tipoteuco (agarrando e sacode-o) - Mirabível! Cêta a confusão que você arranjou!

Cidadão (caindo sobre uma cadeira) - Não sacode...

Fristanda (entrando estafado pelas fúndas) - Sr. Fênica, dona Zé!

Tipoteuco e Zé - Ohitaa!

Fristanda - Ele vem aí! O sr. Zacarias vem aí!

Cidadão (morrendo de rir) - Ah! Ah! O sr. Zacarias? Que piada! (soluçô) Ih! Fiquei tonto...

Tipoteuco (mostrando o cidadão)-Agarra esse diabo e...

Zé - Jogue-o lá pra fora, pela escada das fúndas.

Fristanda - Váaa cidadão! (empurra-o para esquerda).

Cidadão - Não empurra (soluçô) que eu fiquei tonto!

Fristanda (mesma coisa) - Váaa.

Cidadão - A pergunta é: eu voto em quem?...

Fristanda - Váaa embora.

Cidadão - Não empurra (acruço) que eu fiquei tonto! (já empurrado por Fristanda)

Tipoteuco (rápido a Zé) - Do Zacarias não há nada a temer; ele sabe de tudo mas não acredita em nada, perreiteu!

Zé - Fênica! Fênica! (Gritaa volta pela esquerda) E então, Ohitaa, está ve com o Catavassoco!

Fristanda - Retive, dona Zé... É duro, duro de reter; ou os 10 bôldos, ou o lugar de deputado...

Tipoteuco - É preciso agarrá-lo. (Decidido) Ohitaa, vai lá, leve os homens... morto ou vivo, leve-o para a delegacia de polícia. Já não perca um minuto!

Zé - Fênica!

Tipoteuco - Vai!

Fristanda - As suas ordens. (Ao sair, encontra-se com Trabassoco que qtra com ar triunfante)

Trabassoco - Apastela-o com as troças ainda mais complicadas!

Zé (indo ao seu encontro e saltado dominado em seus braços) - Querido! Querido!

Trabanache - 'Misha Ioh. (A Tipetenco) Ela sabe?

Tipetenco (ajudando a separá-la) - Não tudo.

Trabanache (aperando-a também) - Mas seu velho, não tinha proibido você de falar? Você tem sabe o quanto ela é sensível. Está vendo? (Todas cuidas dela) Oh! Já disse que aquele é mesmo excelsentissimo mas com um truque ainda mais complicado... Olhas, traga-me depressa um copo d'água. (Olhas sai pela esquerda)

Tipetenco - Qual excelsentissimo?

Trabanache - Um arremetido de paciência... (largando Ioh) O Catavenco, claro...

Tipetenco - Qual foi o truque?

Trabanache - Com outra falsificação... Que falsário aquele?

Fristanda (entrando com um copo d'água) - Naturalmente, um falsário! (Black-out)

Fristanda (entrando pelas fundos) - Mais uma e para nada. Encanei o Catavenco. Quando mandei os rapazes trazer ele, ele gritava a pia nas paredes: "Protesta em nome da Constituição! É uma violação de domicílio!" aí eu disse: "Naturalmente, uma violação de domicílio, mas vamos andando". Metemos o homem no automóvel. Voltou à casa ele e revisamos todos os cantos possíveis e imagináveis, pagamos tudo a parte fino: não houve mais de encontrar a carta. Voltou à delegacia e revisou o homem até as cuecas e fiquei na mesma. Chegou a senhora-lhe disse que tinha ordem do sr. Tipetenco de fazê-lo confessar a pendência, e ainda, dá que não fale senão na presença de dona Ioh. Estou farto de procurar ela e não encontro, nem em casa, nem aqui... Ah! aí está ela... B. Ioh!

Ioh (entrando rapidamente pelo fundo) - Ah! que enfim te encontro.

Fristanda - Também estava a sua procura, dona Ioh...

Ioh - Olhas, o que é que vocês fizeram? Estão-todos doidos? Por que prenderam o sr. Catavenco?

Fristanda - Ordem verbal do sr. Tipetenco.

Ioh - E onde está ele?

Fristanda - Não sei. Também estou procurando...

Ioh - Mas por que prenderam o sr. Catavenco?

Fristanda - Para pegar a carta.

Ioh - E estão? Conseguiram?

Fristanda - Não, dona Ioh. Revisamos ele e sua casa. A carta deve estar

entredida em outro lugar.

Zé - Olheza, vocês entregaram tudo! A carta vai ser publicada amanhã e fizeram um esboço para cada. Os amigos dele vão fazer com que o jornal saia, mesmo sem o Catavento. Que dirão os fazendeiros, mas estas coisas quando acabarem que foi vendido o diabinho e de Catavento e que ele foi preso nas páginas das eleições, como é que o Fardes pode manter o cargo de governador depois disso? Fardes - Ah! Dona Zé, já lá se esquecendo: promessas, ameaças, nada adiantou. O Catavento respondia que se perdia o seu tempo e que não falaria com ninguém, a não ser com a senhora.

Zé - Só fala comigo? Corre Olheza e solta o homem. Pode, na sua casa, para ele vir até aqui. Estou esperando.

Fristanda - E o sr. Tipatenco?

Zé - Você tem amor ao seu cargo e a sua família?

Fristanda - Se tenho amor?... claro, dona Zé! Sem dúvida...

Zé - Então vou e não volta sem o sr. Catavento. Trata de ser malvado com ele e volta num minuto!

Fristanda - Já estou indo!

Zé - Ainda está aí?

Fristanda - Já estou lá fora...

Zé (ressaca, agitada, põe um jornal) - "Hoje mesmo número de amanhã, reproduziremos uma interessante carta sentimental dirigida por uma de nossas alunas personalidades a uma de nossas damas mais influentes. O original estará, a partir da publicação, à disposição dos redatores, nos escritórios da nossa redação. Por hoje é tudo. A bem entendido, nada palavra basta!" Que fazer? (passa agitada e pensando repente com uma inspiração súbita) É preciso alugar o Catavento! Não há outra saída, sem tempo para refletir. Lutar com um miserável como ele, quando se está nas suas mãos, seria um suicídio, uma loucura... O Fardes tem que ceder... não há outro jeito... De resto, o Catavento pode ser um deputado tão bom quanto outro qualquer... Onde estará o Fardes? Que estará fazendo?

Tipatenco (entra pelo fundo) - Você estava aí?

Zé - Estava te esperando, Fardes. Mandou prender o Catavento. Por que fez isso?

Tipatenco - Porque... porque! E você me pergunta porque? Por causa da sua

tolice, para evitar a confusão que a sua negligência provocou. O que é que se viu, meter uma carta de amor num bolso, junto com a lenço e depois perdê-la como um papelinho sem importância. Fragoramente, não esperava de você tão pouco caso. Que diabo você é uma mulher e não uma criança.

Isol - Isso, Fátima! Me maltrata, me arrasa... (chora) É verdade, eu me portei como uma criança... Mas, Fátima, se você se quer bem, se me ama, por pouco que seja, me salve... Me salve da vergonha! Você é homem, pra você é diferente, se descobrem a nossa ligação, não será uma desgraça para você como será para mim... Fátima, por se bem mesmo... pense bem mesmo... (chora).

Tipoteuco - Por isso mesmo é que tirei o Cataavenco da circulação.

Isol - É de que serve isto? o Cataavenco pode até morrer hoje que amanhã o jornal publica a carta... Mas Deus! Parece que estão ouvindo as pessoas comentarem "Caitado de Zacarias, a mulher dele o traiu com o Governador". Não falemão minha coisa, porque nesta cidade a única diversão é falar mal dos outros, mesmo sem motivos... e aí, Fátima, que é que eu faço? Se você quer que eu corra, é só dizer! Mesmo porque, depois disso não posso continuar aqui...

Tipoteuco - Então, se não há outra saída... Isol! Isol! Você se ama?

Isol - Amo, mas me salva...

Tipoteuco - Então... Fajamós juntos!

Isol (respirando-se) - Ficou louco? É o Zacarias? É a sua situação? É o exército, que seria ainda maior?

Tipoteuco (desencorajado) - Então, não há nada a fazer?

Isol - Claro que há!

Tipoteuco - O quê?

Isol - Apoiar a candidatura do Cataavenco!

Tipoteuco (respiando) - Isto é impossível!

Isol - Fazer com que ele seja eleito.

Tipoteuco - Nunca!

Isol - É preciso.

Tipoteuco - Por nada deste mundo. Muito menos depois deste telegrama que interceptei agora mesmo. Foi o cavaleiro que encontrou a carta, o título de quem que o levou ao telegrafo, é um telegrama anônimo. Leia: "Tranquila! O administrador e os seus homens tiram o par-

tido em favor do corrupto catalunhão, que pretenda eleger para o segundo colégio. Traição! Traição! Três vezes traição... eis: Várias reuniões do Partido*. Aconteça o que acontecer, não podemos apoiar este miserável, não, não e não... É preciso encontrar outra solução!

Isé (quebrada) - Não há outra solução... não vejo outra solução.

Tipoteasco - Então...

Isé (soluçando) - Então... eu deixo... eu abandono a infelicidade... eu deixo morrer de vergonha... eu fico eu aqui, que sacrificarei tudo por você... veja onde cheguei... isso é o que valeu os seus juramentos. Você será o causador da minha morte, porque eu me sinto (de côfida) entre que o sacrifício arrebatante... hoje, agora, está... você já se prepara para a morte... Eu deixo morrer quando podia eu salvar... (chora).

Tipoteasco - Isé! Isé!

Isé - Eu deixo... já que as minhas ambições políticas estão assim de mim não vergonha, de minha vida, eu deixo... que eu morra com a certeza de que durante o 10 anos fui enganada a cada minuto... com a certeza de que nunca fui amada por você... Nunca... nunca...

Tipoteasco - Isé, tenha calma. Vamos raciocinar.

Isé - Não há tempo, Fátima! Cada minuto que passa antecipa o meu fim...
Decida-se, Fátima!

Tipoteasco - Decidir-me! Decidir-me!

Isé - Ainda há pouco, quando soube da prisão dele, corri ao jornal e me deu uma dorça. Não! veja o que já imprimiram. É coisa de Condição dele. (Entrega o jornal que Tipoteasco lê para si). Imagina agora o que podemos esperar, depois que você o presenciar!

Tipoteasco - Estão hesitando com a vida dele agora... ..

Isé - Não é a vida dele que corre risco. Fátima, é a minha... das duas uma: ou você se ama e se salva cedendo, porque a luta com o ótiro venço é impossível, ou não se ama e é como se eu já estivesse morta... (suspira e logo se agacha, decidida) Estou decidida! Não sim, estou decidida, eu não quero morrer sem antes ter ganhado contra todos. (com energia crescente) E lutarei, lutarei até contra você, com todas as minhas forças. Ingresso, homem com a coragem! Sim, lutarei principalmente contra você que é o maior obstáculo a minha tranquilidade... Estou decidida e conseguirei!

por qualquer meio... Estou tão decidida que ainda agora dei ordem ao diácono de libertar o sr. Catavencos e de convidá-lo a vir aqui...

Típatesco - Loucas! Você fez isto?

Isé - Fiz o que achei ser o meu dever. Já que você não quer apoiar o Catavencos, não querelgê-lo, eu vou fazer com que seja eleito...

Típatesco - O quê?

Isé - Não duvide não. Sou eu que vou elegê-lo. Após o Catavencos, por tanto o meu marido, com todos os votos de que dispôr, deve apoiar o Catavencos. Em resumo, quem for contra o Catavencos é contra mim... Vouo fugir, tento me casar, me esquecer... Você que dizia ao meu. Vamos quem vencer? (vai sair pela direita)

Típatesco - Isé!

Isé - Deixa-me! (vai)

Típatesco (seguido-o) - Isé Isé! (para si só)

Fristanda (aparecendo ao fundo e deixando passar, respectivamente, Catavencos a sua frente) - Entre sr. Ser. entre, faça o favor... (humildemente) e desculpe, desculpe. O sr. Não tem sabe que eu... tem, um polícia é um polícia... mesmo que fosse o meu pai, e na mesma ordem para encerrar ele, tinha que fazer; sabe disso melhor que eu... Não posso ter opinião, nem preconceito... É o meu dever. (rapidamente) É por isso que lhe peço que se padece...

Catavencos - Para com isso, diácono. Pra que tantas desculpas? Todos sabemos o que é a polícia. (Em tom de oratória) Mas estado constitucional, um polícia é, para é adequadamente, um instrumento?

Fristanda - Naturalmente, um instrumento.

Catavencos - O culpado não é o braço que deve, mas a voz que ordena... Eu próprio currei um artigo e esse respeito. Você não lê?

Fristanda - Devo ter lido, sr. Ser. Todo compra o seu jornal, como se fosse a Bíblia, (misteriosamente) de um padroeiro falar tudo o que sei... mas que nada! Nada o fazer: família grande, salário mínimo...

Catavencos - É lógico, como pode haver o servir sem o carrasco?

Fristanda - Párese muito bom, sr. Ser. Isso é que é falar!

Catavencos (mudando de tom) - Diácono, não se esqueça em que condições vim aqui. Estou no Governo Civil, mas não quero encontrar o governador: não posso me comprometer por isso pessoal! Vim aqui a re-

dido da sua. Trabalhache e só quero ver a ela.

Prístanda - Pode ficar descansado, sr. Mas; só a dona Zol, claro... O sr. Fendica nem sequer está aqui... Sinto-as, por favor, sentem-se... vou dizer a dona Zol que o senhor está aqui. (vai sair).

Catawenco - Pode até acrescentar que tenho pressa em voltar para a prisão.

Prístanda - Acrescentarei. (À parte) Grande patife. Que extraordinário Governador ele dari. (vai)

Catawenco (só) - Então, isso se resolve! Não podiam fazer outra coisa.

Já hoje, esta noite, a meu caro, caríssimo, venerável Trabalhache proclamar-se candidato. Faltou sr. Farfaridi... (gravemente) as filas justificam os meios, disse o insólito doutor. O anível Tipatesco deve estar rondando as unhas de návea... tanto melhor para mim! Perdendo a cabeça, tanto pior para ele! Mandou-me ponderar... tanto melhor para mim! A dona Zol, mais inteligente que todos eles, me chamou e cá estava, pronto a beijar-lhe a mão. Ninguém pode se acusar... é a mão que se entregará o mandato... mas onde está ela que não aparece? (vai ao fundo, depois a espreme, depois à direita quando dá de encontro com Tipatesco. Fica surpreso) O Tipatesco! Presidia que fosse ela.

Tipatesco (portas cerradas, as carrancado, para um momento à porta, dá pois vai à porta do fundo, olhando tranqüilamente para Catawenco. Para um instante) - Coragem! Saque-frio!

Catawenco (pouco à vontade) - Meu caro senhor, desculpe-se por aparecer em sua casa de modo aparentemente inesperado... Mas deve-lhe dizer que vim da delegacia de polícia trazido pelo sr. Prístanda e por ordem de... Bem, não esperava encontrá-lo aqui...

Tipatesco (à parte) - Insolente!

Catawenco - Porque se digessem que eu fui chamado por... de entre as do não teria vindo... portanto, se estou como prisioneiro... Não... se estou livre - e não pago outra coisa - não imediatamente...

Tipatesco (surpreso, com dentes cerrados) - Meu caro e escolástico sr. Catawenco, não compreendo que entre dois homens que têm a pretensão de serem cidadãos sérios, tais discussões de efeito possam ainda ser usadas, principalmente quando a situação é tão clara... Sou um homem que gosta de jogar jogo franco... Permita-me

que lhe diga duas palavras. (À parte). Tenho que me dominar. Ainda bem que a Toé está aqui ao lado.

Catawenço - Meu caro senhor, porquê jogo franco: pois bem, aceita. Por mim, gosto de ser breve, muito breve. A nossa situação pode ser esclarecida rapidamente. (Tipatenco oferece-lhe a carta, a que ele recusa) Obrigado.

Tipatenco (mesma cena) - Deixe-se, senhor.

Catawenço (mesma cena) - Obrigado.

Tipatenco (com má vontade) - Vá-se lá, sorte-se de uma vez!

Catawenço (sentando-se)-Obrigado.

Tipatenco - Ah! que enfim! (Sentando-se também) - Então o excellentíssimo senhor está - não importa por quais meios - da posse de u ma carta minha que pode compreender a honra de uma família...

Catawenço (com um gesto largo) - Oh!

Tipatenco - Desculpe-me o ofendi. Sejamos mais breves: o senhor é um homem prático, possui uma coisa de que tenho necessidade e o senhor bem conhece esta necessidade... Portanto (com muita af bilidade) sejamos o que se pede em troca desta coisa.

Catawenço (inclinado) - Como? Não sabe?

Tipatenco (mesma coisa) - Não.

Catawenço (mesmo jogo) - Não faz nem a mais vaga idéia?

Tipatenco - Não... É por isso que pergunto...

Catawenço - Meu caro senhor (com dignidade) um político...

Tipatenco (com ironia) - Guardar, o senhor...

Catawenço - Permita-se... Em política deve, sobretudo nas circunstâncias políticas que nesse país atrevem, circunstâncias de natureza a provocar um movimento geral, movimento que se li-mite em consideração ao 20 anos passado...

Tipatenco (despachante) - Mas uma vez lhe peço, excellentíssimo senhor (batendo as sílabas) o que se pede em troca da carta? Seja breve! Breve!

Catawenço - Muito bem... se quer que seja breve, eis vai: (replicando) não consente a minha candidatura: pelo contrário, peço que me apóie!

Tipatenco (quase explodido) - A sua candidatura! (dominando-se) excellentíssimo sr. bar, não lhe parece que é pedir demais?

Cataavenco - Isso sabe a sua excelência responder. O senhor me propõe a troca e me fez a pergunta...

Tipatesco (aproximando-se de Cataavenco que recua) - Resposta francamente não lhe parece que é pedir demais? Pense bem. Que me diz?

Cataavenco (indignado) - Acho que não.

Tipatesco (insistentemente) - E se a Comissão Permanente do Mandato não fosse remodelada e fosse reservado um lugar nela para o senhor não seria senhor Cataavenco?

Cataavenco (sorrindo) - Mas isso é quase nada, excelência.

Tipatesco - E se lhe fosse dado o cargo de Secretário do Estado de Transportes?

Cataavenco - Mas isso eu já fui, excelência.

Tipatesco - E se o amigo Cataavenco fosse também nomeado para o cargo de Presidente da Câmara, atualmente vago, e para o de Unificador do Partido? (Cataavenco sorri, com um gesto de recusa) e se ainda propriedade na floresta, situada nos arredores...

Cataavenco (sempre sorridente) - Permita-me excelência, um político deve, sobretudo nas circunstâncias que o nosso país atravessa, circunstâncias de modo a provocar um movimento para...

Tipatesco (interrompendo com veiva) - Pense-se de suas grandes fremas, sr. Cataavenco! É sr. sabe que sou homem de cair na sua lãbia! De uma vez por todas: o que o senhor quer?

Cataavenco (também impaciente) - O que eu quero? O que eu quero! O senhor sabe muito bem o que eu quero. Quero aquilo que é meu de direito após tanto tempo; quero o que mereço depois da cidadania de idôlatas, onde sou a pessoa de maior destaque entre os políticos... Quero...

Tipatesco (survendo) - Quer o quê, afinal?

Cataavenco (igual) - Quero o mandato de deputado! Já está o que quero! Só isto, apenas isto (insistentemente). Tenho direito a este! Peço-lhe, não se cometa... se não apela... se eleja... Depois de amanhã, assim que eu for proclamado, com a maioria necessária, a carta será sua. (Com muito calor) Pela minha honra!

Tipatesco (prestes a explodir) - Pela sua honra! E se eu não puder assiná-lo?

Cataavenco - O senhor pode.

Tipetenco (igual) - E se eu não quiser? Suponhamos que eu não queira!

Catavenco (com raiva) - É necessário que queira.

Tipetenco (explodindo) - O senhor se espanta de que é muito difícil me co-
agiar não, não e não! Não farei com que seja eleito.

Catavenco - Acho bom fazer...

Tipetenco - Não.

Catavenco - Acho bom fazer, se pretende salvaguardar, por pouco que se-
ja, a honra de...

Tipetenco (explodindo) - Miserável! Casilha sem escrúpulos! Não sei por-
que não te arrependas de mistos! (Parando) Crápula, vai me dar a car-
ta já, senão te mato como a um cão (persegue Catavenco que foge com
medo).

Catavenco - Socorro! Acudam! O vampiro quer me matar! O Governador é um
assassino! Acudam!

Zé (entra e se coloca entre os dois, implorando) - Sr. Catavenco, pelo
amor de Deus, não grite... Fênica, ficou louco? Sr. Catavenco, por
favor...

Catavenco (muito abalado) - Como não gritar, minha senhora?

Tipetenco (completamente abalado, xanta-se) - Crápula! Crápulas! Crápula!

Zé (implorando) - Sr. Catavenco, eu lhe apresento as minhas desculpas -
pela atitude de Fênica que ultrapassa...

Catavenco - Principes, minha senhora! Sem pensar nisso. Tanto de sair de
qui imediatamente. Não posso ficar um minuto sequer nesta casa onde
minha vida corre perigo!

Zé - Sr. Catavenco, toda culpa, o senhor é um homem razoável, político.
Pouco importa de não de quem vem o que deseja tanto...

Catavenco - Não compreendo...

Zé - O senhor pediu, na troca da referida carta, o mandato do deputado.
O senhor jurou, pela sua honra, que depois de assiná-la, ao ser proci-
gada sua eleição, a carta seria entregue a quem o eleger. Muito bem!
Eu farei isso, eu e meu marido. Portanto, a carta será enviada. Assi-
na!

Catavenco (vitorioso) - Assinto.

Zé (baixa a Tipetenco acrobaticamente) - E você compreende que, quando eu li-
ver a carta com o seu marido morto, não Fênica, terá acabado com
você! (Alto) Estamos plenamente de acordo, Sr. Catavenco.

Catavencos - Sim, minha senhora,2 plenamente, mas... (aponta Tipatenco).

Isô (insistindo com Tipatenco) - Fúria! Fúria! Vamos, decide. Você não pode continuar a ser um inimigo da minha tranquilidade... Responda [suplica com doçura] Fúria!

Tipatenco (levanta sem resistir) - Bem, já que você quer assim... Que se ja! (com ar decidido) Sr. Catavencos, o senhor é o candidato de do na Isô, portanto do sr. Zacarias, por consequência, o meu. Depois de amanhã será deputado.

Isô (triumfante) - Ah!

Catavencos - Depois de amanhã o senhor terá a carta.

Tipatenco - Vou imediatamente ao telégrafo, anunciar a sua candidatura a Macassete... Esta noite, as reunião, é necessário muito tato e utilidade... (bate a porta; os três se calam; batem de novo, depois ouve-se três assobios) É o Giltes, é o sinal dele! (Vai à porta e aparece o Cidadão) Outra vez! (recua um pouco).

Catavencos - A minha vítima! (benta sacode-se atrás de Isô).

Cidadão - Oi! Sou eu outra vez, sim senhor. (sobeja) Fin por causa daquela história de que falamos hoje de amanhã... Como é que se faz? Começa amanhã, não é?... E eu, voto em quem?

Tipatenco (barrando-lhe a passagem) - Em quem? Em quem? Deixe-me em paz. Você é insupportável... Vote em quem achar melhor...

Cidadão - Não acho ninguém melhor...

Tipatenco - Enfilo desapareça e deixe a gente em paz. As autoridades não pretendem dar oer a menor influencia sobre os cidadãos.

Catavencos (interrido) - Fardão, permita-me... parece-me que, pelo contrário, num estado constitucional, sobretudo num estado como o nos so, as autoridades não deveriam...

Isô - Evidentemente.

Cidadão (a Catavencos) - Olha! Olha! Sua Excelência... Não tinha visto o senhor... Os meus respeito... sou um criado. Estão o senhor na paga, bem? Quer dizer: beba lá um copo de pinga, tome lá uma cerveja, não era pelos seus lindos olhos... mas sou pra tomar a carta... Muito bem, sr. Sesi tire-lhe o seu chapéu.

Isô - Fúria, minha sã entera. É insupportável.

Tipatenco (sarcástico) - Vamos acabar com isto, meu amigo. Deixe-nos em paz. É que quer afinal?

Cidadeão - Já lhe disse... (soluço) Anankê não se esqueça... e então? (agrupa) E eu, voto em quem? Em quem?

Isé - No sr. Sr. Catavento.

Cidadeão - No... (soluço; gargalhada) não me faça rir... mas eu fico tonto.

Tipatenco (cada vez mais nervoso, agarra o bêbado e o sacode) - Você é um imbecil, um imbecil...

Cidadeão - Não sacode, já disse, não a tortura!

Tipatenco - Você deixou seu livro rosbau e carta...

Cidadeão - Não faz mal, talvez eu ache outra...

Tipatenco - Não se fale, porque você é um...

Cidadeão - Eleitor...

Tipatenco - Não... um bêbado... um viciado... um idiota chapado...

Isé - Fênica!

Tipatenco - Sim. Um bêbado inveterado... Veja! Você ainda está bêbado, bebeu outra vez... (Catavento ri).

Cidadeão - Não?

Tipatenco (com a joia) Você sim, desgrenhado! Cheire a álcool a mais de um quilômetro... (repulsa-o).

Cidadeão (cambaleando) - É o meu cheiro natural.

Tipatenco - É cheiro de cachape...

Cidadeão - Claro! Essa é da boa. Queris que eu cheirasse a gasolina, não é isso que tu queres?

Tipatenco - Muito bem! Por todas estas razões, deve votar no excelentíssimo sr. Catavento... Para um eleitor como você, ele é o deputado ideal...

Isé - Fênica!

Catavento (sorridente) - O senhor é sempre muito divertido, excentrismo.

Tipatenco (corrombando-se pouco a pouco) - "Sim, trabalhemos para o sr. Catavento, apalamos porque é necessário que ele seja eleito (Parafurido. I. Transvencendo e Tratando aparece na entrada e para para ouvir. Os dois primeiros apertam os ternos e a cara que se de pessoas) porque este senhor não é um miserável como os outros, não é um ganista como os outros, e também não é, como os outros, um imbecil aventureiro sem escrúpulos (irrita-se cada vez mais) É porque, repito, para eleitores como você, inteligentes, de julgamento claro, ponderados de um desvelado senso político, o sr. Catavento-

co (marcando bem as sílabas) o exultantíssimo sr. Catavento, é o deputado ideal! (Esperra o cidadão com nojo).

Catavento (com ironia) - Como ali é mesmo quando se sangra!

I. Brancosussaco (gostando da entrada) - Ai está ela, a traição! Não lhe dáste, venerável? (entram todos).

Trabacocha - Espere lá! Em momento de paciência!

Zé - Meu querido! (precipita-se para trabacocha, afasta-o para o lado e fala com gestos exagerados)

Tipateco - Ah! deixem-me em paz!

sra. Farfuri di - Já compreendemos, excelência. Mas não vamos a Bucareste...

I. Brancosussaco - E vamos cantar tudo...

Tipateco (à parte) - Vão pra lágrima!

sra. Farfuri di - Vamos aos orais...

Brancosussaco - À Comissão Militar Central...

sra. Farfuri di - Ao Governo...

Cidadão - Ai, ai, ai... se fôco tanto. (sra. Farfuri di e I. Brancosussaco vão ter com Catavento)

Trabacocha - Afinal, Furi di! O que é que se passa?

Tipateco - Não perquite a mim, senhor Trabacocha.

Zé (com energia) - Sem uma palavra, querido. É preciso que...

Trabacocha - Mas por que?

Zé (com precipitação) - Se você se ama, se se quer bem, cale-se agora; q' pode te cantarei tudo. (falas os três em voz baixa).

Catavento (à sra. Farfuri di e I. Brancosussaco) - Permitam-me que lhes diga, excelências, as senhoras não encontrarão, nas almas sedentas, melhor reparação do que a do exultantíssimo (todos escutam) sr. Tipateco, o Governador Civil mais amado do país!...

Trabacocha - Clam!

Catavento - O mais íntegro!

Trabacocha - Clam!

Catavento - O mais devoto!

Zé - Don Cláudio!

Catavento - Permitam-me que lhes diga que toda essa agitação é causada por simples questões pessoais e, quando pessoas como as senhoras... aparecem querendo...

Cidadão - Muito bem, muito bem, muito bem!

Sra. Parfuriidi - Agora está nos insultando!

I. Bransovense - Isso mesmo!

Catavense - Sim, excelsidias, são coisas de comadres, querelas de bairro!

Zé (a Trabacche) - Compreenda-se perfeitamente.

Catavense - Os eleitores dirão a palavra final...

Zé (encorajando Trabacche) - Claro, os eleitores dirão a palavra final...
 não...

Trabacche - Claro, eles dirão a palavra final, naturalmente.

Cidadão (abriu) - Sim, nós teremos a palavra final!

Fristanda (entra correndo, com um telegrama na mão) - Sr. Fástico! Um telegrama urgente, muito urgente!

Zé - Um telegrama?

Tipatense (abrindo o telegrama num gesto nervoso e lento) - "A todo custo deveu eleger o sr. Agnasson Bandanante (movimento geral). Depoite... mas em você a mais alta e suprema confiança"... Ah!

Zé (com energia) - Não é possível! Lutaremos contra quem quer que seja! Lutaremos até contra o Governo!

Trabacche - Um momento de paciência!

Zé - Sim, mas querido. Lutaremos contra o Governo!

Catavense - Sim, lutaremos contra o Governo!

Cidadão (devido pelo movimento) - Sim, nós lutaremos contra o... (moleço; é assapado por Fristanda e muda do tom) Quer dizer... não... eu não luto contra o Governo!...

Fin do 1º ato

11. ano

8-12 de transição da Câmara - onde a sra. Parfaridi e Catavencos fazem suas discursos para seus correligionários. A mesa da presidência, Trahanache.

Sra. Parfaridi (da tribuna) - Atenção! Atenção! (barulho)

Trahanache (agitando a campainha) - Senhores! Excelências! Silêncio. Há oradores presentes, importantes na ordem da noite.... Em momento certo de paciência... (A Sra. Parfaridi) continue, excelência, com a palavra.

Sra. Parfaridi (à assembléia) - Portanto, depois de ter falado do ponto de vista histórico e do ponto de vista jurídico, concluirei tão brevemente quanto possível...

Alguns do Catavencos - Realmente? Se as mesas conseguirem manter a palavra... (risos da platéia).

Sra. Parfaridi - E fazer não interromper. Atenção...

Trahanache - Excelências, não interrompa.

Sra. Parfaridi - Portanto, depois de ter falado do ponto de vista histórico e do ponto de vista jurídico, concluirei tão brevemente quanto possível. No ano de 1.821... certo... (barulho e rumor).

Alguns do Catavencos - Se voltarmos mais uma vez ao ano de 1821... como estaremos bem arranjados. (Rumor e protestos).

Trahanache (agitando a campainha) - Excelências! Não interrompa, no momento de...

Catavencos - Que paciência tem mais, senhor presidente. Já é tarde e há outros oradores presentes...

Sua mesa - Apoiado! Apoiado!

Catavencos - A excelentíssima oradora promette encerrar tão brevemente quanto possível e ainda está em 1.821...

(vários do grupo da Sra. Parfaridi, tomam consciência)

Sra. Parfaridi - Prestem atenção...

Trahanache (inclinando-se e falando diretamente à Sra. Parfaridi) - Excelência... na minha opinião não seria nada mais melhor para 1.821...

Catavencos (gritando) - Continuando até 1.821!

Sua Mesa - Isso! Isso! 1.821...

Trahanache (Concluiu a assembléia) - Quer dizer... para a Revolução?

Grupo do Catavencos - Isso mesmo... para a Revolução! (barulho)

Sra. Farfaridi (para o presidente) - Perdoe, venerável Presidente, o senhor concedeu-me o uso da palavra e parece-me que, desde o momento em que se foi concedida a palavra por um presidente...

Trabassacchi (à sra. Farfaridi, tentando amará-la) - Por favor, excelência, por favor, façamos a restituição. É o voto da assembléia!

Sra. Farfaridi - Mas... senhor presidente...

Trabassacchi (mais empílicante) - Façamos à Revolução!

Grupo do Cataramenco (com força) - À revolução! À revolução!

Sra. Farfaridi (realignando-se) - Portanto, o que dizia eu? Em 1864 chega finalmente a ocasião em que o povo se pronuncia por meio de uma revolução... Mas antes digas vejamos... Fiquemos bem conscientes de que quer dizer... de que é uma revolução...

Alguém do Cataramenco - Não precisa explicar, sabemos o que é uma revolução (barulho).

Sra. Farfaridi - dê-me licença! (a Trabassacchi) senhor Presidente...

Trabassacchi (agitando a campainha) - Meas senhoras, excelências, peço-lhes que não interrompa a oradora. (Afável) Silêncio! Já apontou pontos na ordem do dia; um momentinho de paciência. (À Sra. Farfaridi) Tem a palavra, excelência...

Sra. Farfaridi (embalando) - Portanto, quando dizemos 64, dizemos Revolução; quando dizemos Revolução, dizemos 64... Sabemos - cada um de nós sabe - o que representa este ano de 64. Vejamos o que é a Revolução... (com ênfase) A Revolução...

Cataramenco (interrompendo) - Não se trata da revolução...

Sra. Farfaridi - dê-me licença, (discutiado com Cataramenco) Parece-me que, se dizemos 64... (com convicção) vou procurar com fatos históricos que todos os povos têm seu próprio 64...

Cataramenco - Mas aqui não se trata do 64. (Rumor de aprovação do seu grupo).

Sra. Farfaridi - dê-me licença! senhor Presidente!

Trabassacchi (agitando a campainha) - Meas senhoras, excelências, silêncio. Temos assuntos importantes na...

Cataramenco (interrompendo) - Como, senhor presidente? Desde quando 1.864 é assunto importante na ordem da noite? Se não se engano, estamos no ano da graça de 1884. Que revolução há chave a assembléia com o que se discute que nos interessa.

Trabanacks (levantando-se e avançando à Sra. Farfuridi) - Excelência, (à Sra. Farfuridi e replicante) Deixemos a discussão ao seu lugar; passemos ao assunto principal.

Sra. Farfuridi (concedendo das interrupções, de costas para a assembleia, falando a Trabanacks) Senhor presidente, não há dúvida de que o senhor me concedeu a palavra... E parece-me que seria necessário...

Catawewaco (interrompendo) - Não é necessário, excelência!

Sen Grupo - Não é necessário!

Trabanacks (avançando à Sra. Farfuridi) - Faço-lhe o favor, excelência! É a vontade da assembleia...

Grupo do Catawewaco - Vamos ao principal! Ao principal!

Sra. Farfuridi (cansada e resignando-se) - Chegamos ao assunto principal, que é Eleições Diretas...

Sen Grupo - Já! Já! Já!

Trabanacks (satisfeito, agitando a campainha) - Muito bem, muito bem! Agora, em nomeação da paciência... (À Sra. Farfuridi) Rapidamente, excelência, rapidamente, por favor, é a vontade da assembleia.

Sra. Farfuridi - Por favor, pare-lhes! Sabem qual é a minha opinião sobre eleições diretas-já?

Todos - Não! Vamos lá! Faltam...

Catawewaco (irônico) - Vejamos a opinião da Sra. Farfuridi. (Trabanacks agita a campainha).

Sra. Farfuridi (cada vez mais emocionada) - É minha opinião, senhor! É minha opinião sobre eleições diretas-já que estamos tratando?

Todos - É! Claro! Evidentemente!

Sra. Farfuridi (emocionada) - Então, eu sei o que eu digo e o que devem dizer a si próprios todos aqueles que não desejam cair em extenuações... Em outras palavras, quero dizer, para ser moderados... eu sei, não de enapuros... Mas mesmo político do qual, aliás, depende o futuro do país, é preciso não avançar muito depressa, nem, de qualquer modo, muito depressa... Se a Europa e os EUA têm os olhos postos em nós, quer dizer, por causa das dívidas externas, das idéias subversivas... os outros compreendem muito bem, pois em todas as condições de crise damos provas de tato, de sobriedade; quero dizer, sem certo sentido, o povo, a nossa nação, a América, o país inteiro, temos que dar o exemplo à nação inteira de rapa latina. (Aplausos de

seu grupo e volta ao grupo de Catavencos. Quando o raio desce, a Irs. Farfuridi prossegue) Em momentos acabados imediatamente, não tenho mais do que duas palavras a dizer. (Desce o raio) Sim, pois a minha opinião, das duas, uma: que se façam eleições diretas. Já eu acito! Mas que não se mude nada. Ou então que não se façam, eu tag não acito! Mas que se mude um pouco aqui, um pouco ali e sobretudo nos pontos essenciais. Não saíro deste dilema. Tenho dito! (Apitam-se e vai-se. Irs. Farfuridi deixa a tribuna e dirige-se ao seu grupo, onde é cumprimentada sob o comando da I. Brancovenenco. Os grupos discutem separadamente sem perceber a entrada de Filistanda, que se dirige a Trabancos).

Filistanda - Ir. Zacarias! Ir. Zacarias!

Trabancos - Não! Que há de novo? (Dirige-se a um outro lado do palco)

Filistanda - Ir. Zacarias, o Ir. Fâniga e a Dona Bot...

Trabancos - Sim, que há?

Filistanda - Estão aqui ao lado. É uma surpresa. Pedem pra ir já.

Trabancos - Não posso deixar a presidência... Eles que tenham um minutinho de paciência.

Filistanda - É preciso que venha já. Suspenda!

Trabancos (voltando ao seu posto na assembléa) - Excelentíssimas assembléas, após o importante discurso da nossa illustre concidadã e senadora, Irs. Farfuridi, creio que seria bom suspender a sessão por cinco minutos.

Vozes - Muito bem! Cinco minutos! (Os grupos continuam discutindo entre si)

Catavencos (ao grupo da Irs. Farfuridi) - Socô, convencionaais, não foi nos repares, mas têm um defeito curioso! Desde que alguém cite a história, passa a ter raio. (Com força) Qual história? É a história de quando se tratava de história, e que nos levava ela ao primeiro lugar e a cima de tudo? (Em tom declamatório) De primeiro lugar e acima de tudo, a história nos levava, precisamente, que um povo que não avança continua sempre no mesmo lugar, ou, se avança, está recuando, pois o tal do progresso é assim: quanto mais depressa se andar, mais depressa se chega. (Em tom apressado e em tom de declamação)

Irs. Farfuridi (arrebata) - Ah, sim? O progresso! O progresso não avança...

vastinho, quando se vê que a Europa e os EUA...

Catavento (interrompendo, vivazete) - Não quero saber da sua Europa ou dos seus EUA pra nada, excelsência. A não só interessa a Honra, nada mais do que a Honra, o progresso, excelsência, é o progresso, é em vão que a senhora vem para cá com suas manobras, suas intenções esboçadas, a sua Europa, os seus EUA, para expor a opinião pública! Sra. Farfuri (mais irritada) - De momento... Parece-me que mais alguém expõe a opinião pública...

Catavento - Isso não me interessa.

I. Brancovense (intercedendo) - Claro que não lhe interessa, não concordo.

Catavento (mais intratável ainda) - A Europa e os EUA que tratam das v₂ das datas, não vem meter o nariz nas negócios daqui? Não vem! Então eles não têm o direito de meter nos nossos. A senhora é advogada, somos compadres...

Sra. Farfuri (sem advogada, mas não sou sua consorte...) -

Catavento (igual) - A senhora conhece bem este princípio do direito: cada um por si, cada um com seus negócios... honesto vivere...

Sra. Farfuri - Não pode haver nada melhor que honestidade!

Catavento - Excelsência, não sei o que tem contra mim... de que se acusa! Estamos diante dos eleitores e esse rancor não cabe aqui. A senhora vai propor sua candidatura e eu, a mim. É uma luta eleitoral e não sabemos que a luta eleitoral é a vitalidade dos povos... Por que se revolta contra esta verdade? Honesto vivere, excelsência! (aplause ao seu grupo)

Sra. Farfuri (perdendo a paciência) - Deixe-se em paz com as suas ideias! Honestos, o senhor! De um lado "O Direito das Urnas", do outro, as negociações, os presentes e as flores para os compadres! Toda cidade sabe e comenta, sem caso senhor...

I Brancovense (interrompendo-a) - Fica quieta! Fica quieta!

Sra. Farfuri (livrando-se dela) - Deixe-me em paz. Quero dar uma contribuição a este ambiente de uma vez por todas... O que pensava o senhor? Que não satiassem de nada, que não viessem nada, que fossem cegos? Pois sabem que fomos traídos pelo nosso partido, pela comissão, porque este homem é o candidato do Governador...

Catavento (propetando) - Sou o presidente do grupo dos jovens, das pessoas inteligentes, independentes... O grupo socialdemocrata e v₂...

o seu presidente proclamará esta noite o candidato da sua comissão... 2
re, se eu tiver a honra de ser também escolhido pela sua comissão, vig
te que também é a sua...

Sra. Farfaridi (interrompendo, fervendo) - Já não é mais, agora é sua...

L. Brasseur - Calma! Calma! Não vá longe demais...

Cassavento (insolente) - Mas é espantoso! Que dizer então que a senhora
já não pertence à comissão?

Sra. Farfaridi - Sim, já não pertence. De que sempre apoiou o partido. O
senhor é da comissão... o senhor que sempre a arreastou pela lama...

Cassavento - Dê-me licença!

Sra. Farfaridi - Licença de que é para quê? O senhor vem com suas palha-
çadas, suas malabarismos, suas novidades para embrolhar as pessoas...
com a sua cambala (grupo de Cassavento começa a se movimentar), com
seus impostores...

Alguns do Cassavento - Retire estes insultos imediatamente!

Sra. Farfaridi (perseguindo) - Com seu grupo inteligente... independente,
impertinente. Bando de ladrões! (Grupo de Cassavento avança sobre ela
e seu grupo que começa a se retirar) Você não tem uma lição, charli-
tão. (Trocando. Os grupos, se agredindo, vão saindo da cena)

(Num canto lado do palco, entra Trahanache seguido de Farica e de Loé)

Trahanache - Não, isso é impossível...

Loé (seguido-o) - Meu querido...

Tipateuco (mesmo jeito) - Meu caro Securiu...

Loé - Se você me ama...

Tipateuco - Se é seu amigo...

Trahanache - Um momentinho de paciência! (átrio) Como podemos propor a
candidatura de um falsário?

Tipateuco - Claro, meu caro, um falsário, mas até que as pessoas percebam,
até que ele seja processado, até então...

Loé - Vamos ser cobertos de ridicúlos perante os tribunais... Meu querido,
poras bem...

Trahanache (após um momento de hesitação) - Não, se fosse só o problema
com sua carta, Farica, ainda poderia passar, poderíamos dizer que, po-
ra ser estúpido, os textos de todos os meios, mesmo a sua interpretação
mas foi o de inventar uma carta sua, enviando a Loé de modo, só para
se ir contra você...

Tipatasco - Claro, é uma explicação lógica.

Zé - Naturalmente, em política...

Trabancos - E aí tem momentinho de paciência... mas é a outra, hein? (bate com a mão no bolso do casaco) Bem, se ele procura malandagem, eu lhe darei as malandagens que procura. (Mostrando de tom) Para pela Virgem Santa, para não aqui presente...

Zé (com ternura) - Meu querido,

Trabancos - Em toda a minha vida nunca brinquei com coisa séria. Mas se é para batar o despertador, eu vou mostrar a ele!

Tipatasco (impaciente) - Não compreendo, senhoras.

Zé (como ela) - Também não.

Trabancos - Tem momentinho de paciência. (Tira um papel do bolso e desdobra-o: é uma letra de câmbio) É isso, também é para política? Estas duas letras de câmbio, com as quais o respeitíssimo sr. Galavanes "recebeu cinco bilhões daquela multimilionária, também não pelo interesse do país?

Tipatasco (agarrando a letra e examinando) - Estavam salvos!

Zé - Salvos??

Trabancos - É então? Não te disse para ter um momentinho de paciência, "que o tinha apalado com um truque ainda mais escuro que o dele?

Tipatasco (dominando a alegria com dificuldade) - Mas que notícias, o nosso candidato é o sr. Agamenon Fundanched?

Trabancos - Em boa hora!

Zé - Tenho medo!

Tipatasco - Agora não temos nada a temer.

Trabancos - Escreve aí no papel o nome Óscar Galavanes então eu te seguro...
co...

Tipatasco (escreve o nome num papel e o entrega a Trabancos) - Aí está.

Trabancos - Vou resibir a então.

Tipatasco - O melhor é dizer imediatamente o nome do candidato e esperar a reação. Ficamos esperando e ainda podemos jogar uma partida.

Trabancos (silêncio) - A propósito: você ficou com as letras do GALAVANES? Não se perca. (sil)

Tipatasco - Pode ficar tranquilo, meu caro senhoras, eu não perco coisas importantes... (olha Zé)

Zé - Perdido!

Típicas - Agora vamos fazer as coisas ficarem prontas pro lado do nosso amigo Catavento. (são os dois).

[Trabalha entre momentos na sala da classe. Entram os outros]

Trabalha (de pé) - Meus senhores, a hora está bastante adiantada. Sentem-se nas cadeiras, temos assuntos presentes na ordem do dia... (Senta-se).

Catavento (com modéstia) - Peço licença, senhor presidente, eu também tinha pedido a palavra...

Trabalha (afável) - Claro, claro excelência, tem a palavra. Peço o favor de subir à tribuna...

Catavento (atravessa a multidão imponente, sobe à tribuna e começa com a oração) - Senhores!... Excelentíssimas senhoridades!... Irmãos!... Perdoem-me se me encontro emocionado, se a emoção me aperta tão fortemente ao subir a esta tribuna... para lhes dizer que eu também, como todos vocês, como todos os patriotas, nestas longas noites soltas, eu penso na sua querida pátria, na liberdade, na sua felicidade, na seu progresso, na sua futuro! (aplauzos frenéticos no seu grupo).

Catavento (agora se tem agressivo) - Irmão, fiquem-se sem emoção, de qual eu me orgulho! Aceito e honro-me de dizer que a março! Acabem-se de ser muito, demasiadamente ultraprogredista, de ser livre-combata, de querer o progresso a todo custo! Sim, sim, três vezes sim! Sim! Quero apenas o progresso, nada mais que o progresso: pela via política e democrática!

Seu Grupo - Apoiado!

Catavento - Sim, somos ultraprogredistas, somos democratas... Que, condescendo por estas idéias, fundamos aqui nesta cidade a "março Específica Lusena", Sociedade Enciclopédico-cooperativa Independente, independente da do plano do central, entenda-se, porque somos pela descapitalização.

Seu Grupo - Bravo!

Catavento - A nossa sociedade tem por fim encorajar a indústria própria, porque, para tanto que lhes diga, do ponto de vista econômico isto vai sair...

Seu Grupo - Apoiado! (aplauzo e vivas)

Trabalha (conspicua) - Excelências, por favor, não inter...

Catavento - Não tem as interrupções, senhor presidente. (seguro de si) Porque eu tenho a coragem das minhas opiniões, (preocupado com

seu discurso) a indústria romana é admirável, podendo mesmo dizer, my
Nino, mas totalmente inexistente. Portanto nós, a nossa sociedade, o
que incentivamos? Incentivamos o labor, o trabalho, que, no capítulo
final, não se pratica no nosso país!

sem grupo - Apoiado!

Catawesco - Muito bem. Que diz a nossa sociedade? Que dizemos nós?... O
que dizemos é isto: este estado de coisas é intolerável! Até quando
continuaremos com essas fétidas, essas recessões, esse desemprego?
(Indica) Por isso, digo: esse estado de coisas é intolerável e não
pode continuar!

Cidadão (embriagado, do meio da assistência) - E eu? E o povo? (murmúrio
geral)

Catawesco (para Trabassack) - Senhor presidente, eu peço para não ser in-
terrompido!

Trabassack - Mas o senhor disse, excelência, que não teme as interrupções.

Catawesco - Sim, disse, mas...

Trabassack - Está bem. (acompalha) não interrompa, por favor!

Catawesco (procurando continuar) - De Cécile, pois. Este estado de coisas
não pode continuar, que a honraria progrida!

Cidadão - E eu? E o povo? Como é que fica? (murmúrio geral)

Trabassack - Não? O quê? Quem é o senhor?

Cidadão - O sr. Mas eu conheço... eu sou cidadão...

Catawesco (surpreso) - O quê?

Cidadão - Simão! (risos e murmúrio geral)

Trabassack (surpreso, à assistência, acompanhada) - Silêncio, excelências! (ao

Cidadão) Como disse?

Cidadão (para Trabassack) - Cidadão... (estupa) Eleitor... (estupa), portanto...

Alguns de Catawesco - Silêncio!

Cidadão (acolagando e gritando) - Eleitor!

Trabassack - Respeitabilíssimos senhores (além) tenham a bondade de pôr as
seus cavalheiros para fora. (Catawesco e seu grupo avançam sobre Cida-
dão e o separam para fora enquanto o outro grupo tenta retê-lo na
sala, quem todos, ficando apenas Trabassack à sua mesa, quando chega
Fristende como na cena anterior)

Fristende (a Trabassack) - Sr. Secarias, o sr. Fomeca deu ordem para se
justar contas com a inexistente Catawesco... Eu fico na porta; "

quando eu viver como um lobo faminto, proclama o nome do candidato e saia. O resto é comigo.

Trabanache - Está bem.

Prístande - Já quando eu viver como um lobo faminto. (Sai. Entram os gus por da assembleia)

Trabanache (compaixão; a Catavendo) - Tenha a bondade de subir à tribuna, excelência! (Catavendo sobe)

Catavendo (da tribuna) - Irmãos...

Sra. Parfúridi (trazendo Cidadão) - Um momento! (para o Cidadão) Ele se mandou por fora? Meus amigos, como é que não permitimos que se expulsa da assembleia um cidadão honrado, um elector?...

Catavendo (rugindo) - Meus senhores! (a Trabanache) - Senhor presidente!

Trabanache - Excelências (compaixão) um momentinho de paciência. (Muita viva como um lobo) Considerando que a hora vai muito adiantada...

Catavendo (interrompendo) - Considerando-se que muitas das excellências nos electores aqui presentes se preparam para partir, seria bom, creio eu, uma vez que as eleições se realiam amanhã, pedir ao excollentissimo cridar o favor de interromper por um instante o seu discurso e ter um momentinho de paciência, a fim de que possamos proceder a nome do candidato proposto pela nossa comissão.

Catavendo (muito à vontade) - aceita com muito prazer, senhor presidente. (dáse para o seu grupo). O nome do candidato.

Todos - Sim! O nome do candidato!

Trabanache (lendo no papel) - Excellências, o candidato apoiado pela nossa comissão é o senhor...

Alguém do Catavendo - Não Galla...

Trabanache (interrompendo-o) - Um momentinho de paciência. (lendo) o senhor...

Catavendo - O senhor...

Trabanache - O senhor... Agostinho Bandenache. (Satisfação no grupo da Sra. Parfúridi e espanto no de Catavendo).

Catavendo (saltando e rugindo) - Traição!

Trabanache (de pé) - Um momento! (compaixão) Quea promessão a palavra traição!!

Catavendo - Si!

Grupo da Sra. Parfúridi - Sim! Fora com o provocador!

Trabassão (compaixão) - Em momentos de paciência! (a Catarina) e quem é o traidor, excelência?

Catarinense (encolerizado) - Aquela que falsifica o nome do candidato designado, aquela que esquece, que trai os interesses e a honra da sua própria família... (com gesto melodramático) O senhor!

Trabassão (indignado) - Essa não! Um momentinho de paciência! O senhor me tira do sério! Eu, falsificador?... Eu, cidadão honrado; eu, homem venerável, ser chamado de falsificador em plena reunião da nossa câmara... e por quem? Por quem? Por um falsário patenteado!

Catarinense (saltando) - Falsário!

Grupo do Catarinense - Fora com o traidor! Fora com o falsificador!

Catarinense (pegando de seu grupo e falando de cabeça baixa) - Irmãos! Senhores!

Eu quis cobrir essa patifaria que dura há longo tempo na nossa cidade... eu quis poupar à opinião pública a noção de um escândalo... Mas hoje fui forçado tão crescentemente na minha dignidade que não posso calar por mais tempo. Este cidadão honrado (aponta Trabassão), este homem venerável, o sr. Zacarias Trabassão...

Trabassão - Muito bem! Mas é daí?

Catarinense - É tão infame que julga falso um documento absolutamente autêntico...

Zoh (grita de cada se encontra) - Fancra!

Tipatenco (para Zohita que está na assembleia) - Zohita!

Zohita (avanzando sobre Catarinense, para avançá-lo da assembleia) - vamos lá, pessoal. (Tenta parar. Zohita consegue levar Catarinense e seu bando para fora da assembleia, perseguido pela ira. Parfídia e seu grupo. Black-out. Quando volta luz, aparece o jardim da casa dos Trabassões).

Zoh - Onde estará o catarinense? Onde se esconde?

Tipatenco - Não faço ideia. Fugia, morreu, foi enterrado... (para: aproxima-se de Zoh) Mas importa? Por que quer saber? Por que é que está mais preocupada do que antes? Pense, bem, Zoh: há dois dias que os nossos homens dizem Bandurante, que deve chegar a qualquer momento. Há ordens para prepararem uma recepção triunfal...

Zoh - E depois?

Tipatenco - Depois? Depois começa o Catarinense e lá vem sinal dele. Onde está? Por que não aparece? Se tem a carta, por que não a publica? O

é agora que esta culpa não a publicaria se a tivesse realmente em seu poder?

Boê - Sem coragem! Como pode vacilar ainda, Fátima? (Estremecendo) Pergunto a mim mesma como foi que sobrevivi nestes dois dias. Que aperto! no coração! Que terror! Logo que vejo alguém, um rosto, alguém se movendo à minha volta, sinto que vou desmaiar... (encosta o rosto com as mãos e chora)

Tipatenco - Não seja criança, Boê... Boê...

Boê (chorando) - Então você não compreende, não sente nada? Dentro de algumas minutos acabarão as eleições e o bandaneiro será proclamado deputado; então certeira, certa que no mesmo instante esse miserável que está se escondendo e me observando, distribuirá aquela papel infame para se vingarem de eu, como é que ficou?

Tipatenco (tirando do bolso a letra de crédito do bandaneiro e mostrando-a) - Que não pode... Se tivesse coragem, estaria perdido também...

Boê - O que me adiante isto se eu não sei que você tem a letra de crédito dele... eu não sei que se salvaria se viesse aqui trocar os dois papéis... e que eu me salvaria ao mesmo tempo. Você sabia em jogar contra o bandaneiro e ele se apassou; você jogou a minha honra, e meu nome, a minha vida... e perdeu, porque ele joga melhor que você ou porque tem mais sorte do que eu... (chora) Que fazer? Que fazer?

Tipatenco - Cale-se: que tem alguém aí. Enxugas os olhos!

Trabanache (vindo correndo) - Toda a bondade de entrar, excelência.

Tipatenco - Quem será?

Boê - Um desconhecido!

Trabanache (entrando) - Minha querida Boê, deixe-me apresentar-me a Sr. a senhora bandaneira.

Boê e Tipatenco - Bandaneira! (troca de cumprimentos)

Trabanache - O nosso candidato... quero dizer, o nosso deputado eleito.

bandaneiro (sem um defeito na fala) - Madame, as minhas "bommeses"! E o senhor (a Tipatenco) é o marido de madame?

Trabanache - Não, - marido de madame sou eu, madame é minha esposa, confio-me tive a honra de apresentá-la...

bandaneiro (a Trabanache) - E o senhor, então?

Trabanache - Sr. (sério) Eu sou Maximiano Trabanache, presidente da Comissão Permanente do Mandato Sterno, da Comissão Eleitoral e... um mo-

sentindo de paciência [procura um cartão no bolso e entrega]. Ali estão todas as comissões.

Bardanache [pegando o cartão] - Obrigada!... E o senhor?

Trabanache - O sr. Fanica Tipateuco, Governador do Distrito, meu amigo e o sogro de minha família.

Bardanache - Muito prazer, senhor Presidente! [estende-lhe a mão; Trabanache vai para junto de Zoé]

Tipateuco - O prazer é meu, excelência... Bons ventos o trouxa!

Bardanache - Foram as eleições, meu caro senhor, as eleições. O senhor sabe, foi combatido pela oposição aqui, ali, acolá e mais além... e fiquei sem "voto", a minha família está na Câmara desde 48 - está compreendendo? e eu fiquei sem "colômbio"... e por isso vim aqui, para as eleições.

Zoé [maliciosa] - Não precisava ter-se incomodado...

Bardanache - E que terrível incômodo, cara senhora, mas "voto", eu precisava, pelo menos, marcar presença...

Trabanache - Evidentemente! Mas claro, claro que precisava...

Bardanache - Mas que foi incômodo, isso foi. Confesso que foi uma "viagem" muito "agitada"... todo aquele barulho... as reuniões estavam... feitas, estou mesmo muito cansado; diria mesmo arreado... a senhora não foi idôia, ou o senhor ou ainda o senhor, meu caro amigo presidente [a Trabanache e Tipateuco, respectivamente].

Tipateuco - É natural.

Zoé - Compreenda-se perfeitamente.

Bardanache - Cheguel agora mesmo... quis descansar um pouco no hotel... mas o porteiro, ao saber quem eu era, indicou-me o senhor governador [a aponta Trabanache]

Zoé [a Tipateuco que vi] - E você ainda dá risada, Fanica?

Trabanache - Eu ia indo direto às urnas, ver como estão as coisas... Claro, vai tudo muito bem. Mas, senhor como é, é o costume que eu, como chefe do partido, devo estar lá.

Bardanache [apertando-lhe a mão] - Que sorte tê-lo encontrado, meu bom amigo. As coisas não podem ter-se "arregumado" melhor.

Zoé [baixo, a Tipateuco] - Veja você, Fanica, quem se tira a tranqüilidade... Falando com franqueza: o Catarwenko não é bem melhor?

Tipateuco [surto] - É um pouco simplista, mas mesmo assim, prefiro ele. Pelo menos não é um crápula; é simples mas é honesto.

Trabancos (a Bandaracha) - Excelência, vou deixá-lo com o amigo Fardica e com o Zé... Tenho que continuar a ronda: vão abrir as urnas dentro de meia-hora e eu deve estar lá, não tenho medo que está tudo sob controle. Entre nós, não adianta a oposição... somos fortes, excelência, muito fortes... e senhor não terá a maioria, excelência!

Bandaracha - Como não! Quer dizer que haverá empate? "Lá" aconteceu isso antes?

Trabancos - Um acontecimento de paciência... Ah! Ah!... um empate? Eu quis dizer que não terá a maioria porque terá a unanimidade, excelência.

Bandaracha - Ah! muito bem... [seguro de si] compreendo, é natural.

Trabancos - Até já, excelentíssimo senhor... Fardica, Zé, até já (sim).

Bandaracha - Como eu dizia, meu caro amigo, não ficava bem para mim não ver eleito... a minha família. Depois de 48, lata e lata, sobe e sobe, e eu, "momentaneamente" agora ficava sem "colégio"... Por pouco, meu caro, que não era eleito...

Zé - Isso não é possível! Com todos os seus méritos...

Tipatenco - Impossível!

Bandaracha - É como lhe digo, senhores, apesar dos meus méritos... mas "imadia" como foi possível? Eu costei: o Comité Central não queria incluir meu nome. Dizia que eu não era uma personalidade marcante. Foi lá não era bastante marcanted latão da sorte... e que sortei "vessa" não: um belo dia alguém, não dissei quem, mas enfim um tipo importante, saiteirão, bem colocado, veio a minha casa para uma partida e ao sair esqueceu-se de levar o sobretudo. No dia seguinte, como era igual ao meu, vesti-o por engano. "Burai" por bolso e "imadia" o que eu encontrei?

Tipatenco - O que?

Bandaracha (rindo) - Uma carta.

O Zé - Uma carta?

Bandaracha - De amor...

O Zé (esquecido) - Uma carta de amor?

Bandaracha - Uma carta de amor "dirigida" a ele pela mulher de um amigo... não dissei quem... pessoa altamente colocada.

Zé - E depois?

Bandaracha - Não pensei duas vezes, minha senhora. Foi correndo à casa do meu amigo coliborizado - não dissei quem, pessoa altamente colocada - e entreguei-lhe a seguinte: "Arranque-me" um "colégio" ou mando a carta a

para um jornal de oposição. Ele "mexeu-se", virou tudo do avesso, mas acabou cedendo e ali estão eu, seus amigos!

Isé (cada vez mais agitada) - Ah! Mas o que o senhor fez foi uma maldade-de, sr. Dandaraque. Permite-lhe que lhe diga que a sua ação foi...

Tipatesco (baixo) - Isé (ela vai para o fundo)

Dandaraque - E então, caro amigo, mostrei eu não ter golpe de vista? Que podia fazer? Se não tivesse tido esta ideia a minha eleição teria ido por água abaixo... e isso não ficava bom, meu caro... "Imagine", a minha família, desde 48... e eu mesmo, em todas as Câmaras, em todos os partidos, como homem imparcial, ter ficado em "colômbio"?

Tipatesco - Claro, claro. (Mordendo os lábios) Mas não acabou o final da história ... a carta...

Isé (olha): a carta...

Dandaraque - Que carta?

Tipatesco - A carta do solteirão...

Dandaraque - Que solteirão?

Isé (serena) - Uma pessoa altamente colocada... uma carta... de amor... enfim, a sua ação política, graças à qual foi eleita...

Tipatesco - A carta que o senhor se pôs a publicar no jornal de...

Dandaraque (lembrando-se) - Ah, sim, a carta... "Ela" me lembrou...

Isé - E então? O que fez?

Tipatesco - É verdade: o que fez?

Dandaraque - Guardei a carta em minha casa... em lugar seguro.

Isé - Então não entregou ao verdadeiro dono?

Dandaraque (com espanto) - Entregá-la? Como, entregá-la?

Tipatesco - Afinal, o senhor agora está elito... ele manteve a palavra...

Isé - E o senhor devia entregá-la...

Dandaraque - Mas, madame, não pensar nisso. Porque eu faria tal coisa? Não posso ficar com ela, porque em outra ocasião qualquer... ah! vai para o jornal. (Afasta-se das duas)

Isé - Ah! (aproximando-se de Tipatesco e falando baixo, no tom anterior de lá) É um simplório, mas pelo menos ele é um crápula; é simples mas é honesto. (Alto, a Dandaraque) Senhor Dandaraque, quero pedir-lhe uma coisa: ataca conosco e peço também que não conte a história desta sua carta... a carta do solteirão...

Tipatesco - O senhor compreende, não é? Pode contar só imprimindo nos elitores...

Dandaraque - Não contarei nada, meu caro senhor, mas se, por acaso, me vi-

querer e começar a falar nisso, façam-se um sinal. Eu ficarei à espera no seu lado ou ao lado da sua esposa?

Tipoteuco - Qual esposa?

Dandanecke - Nenhum (aponta Zol).

Zol (à parte) - Ah! é um verdadeiro imbecil.

Tipoteuco (sem paciência) - Desculpe, sr. Dandanecke, mas esta senhora é a esposa do presidente da Comissão, o cavalheiro que é house aqui: o sr. Theodoras Trabanecke. A senhora é madame Trabanecke... Eu sou amigo seu, Tipoteuco, Governador do Distrito e antigo amigo do casal.

Dandanecke (que ouvia atentamente) - Ah! claro, claro, meu amigo... com esta "viagem" fiquei completamente perdido... desculpe... não sou... com esta "viagem"...

Zol (à parte) - É melhor levá-lo daqui para descansar ... está completamente atordoado.

Tipoteuco - Sr. Dandanecke, não seria bom descansar um pouco? ia lhe fazer bem...

Dandanecke - Que seria bom, seria, mas... onde?

Zol - Acompanhe-me, sr. Dandanecke.

Dandanecke (dando-lhe o braço e saindo entre pela direita) - Sabe madame, estou de tal modo atordoado... todo este barulho... os convidados a doer... simplesmente horrível (sussurra).

Tipoteuco (sussurra) - É foi este idiota que eu elegi? Sacrifiquei a minha tranquilidade e a da mulher que eu amo... E o resultado, este tipo que não completa a sua vingança? Por que não aparece para eu poder me desculpar por ter preferido o honesto, o educado, o sublimado, o muito estimado sr. Agamenon Dandanecke... Que mundo! Que mauas!

Zol (entrando nervoso) - Viu Fandacott virar o seu homem sr. Agamenon que conseguiu o que queria, guardou a carta, imagine o que não estará tramando o Dandanecke que perdeu a viagem? Que estará fazendo? Ah! tente só de pensar! Onde estará aquela serpente? Eu creio vai se enfiar e se enroscar?

Tipoteuco - Zol! Zol! Coragem...

Zol (molestando) - Não posso mais, não posso mais. A história do Dandanecke me tirou as últimas forças, me desequilibró e corajoso... estou enfiando tudo de novo, (lançando o rosto entre os dedos)

Felicianda (entra correndo) - E. Zol, d. Zol.

Tipoteuco - Choram!

Isabel (sobressaltando-se) - Então, o que aconteceu? Falai!

Fristanda (parando) - É. Não, eu queria...

Isabel - Não se torture. O que aconteceu?... Ele já publicou? Deixa ver... (a gizada) deixa ver!

Tipatesco - Fica louca, Isabel!

Fristanda (à parte) - Exatamente, louca!

Isabel - Fiquei louca, sim. E é a você que eu agradeço...

Fristanda (tentando acalmá-la) - Calma, Isabel, não publicaram nada... "O Grito das Águas" nem saiu hoje... Depois que o Catavento soude, os dois se arrastaram tremenda confusão e até brigaram entre si. Quando os jornais, acabou de vez. O partido independente implodiu!... Arrastaram as malhas (balco, a Isabel) Tenho um segredo para lhe contar agora mesmo.

Tipatesco - Vá o que eu dizia? Mas onde está o Catavento?

Fristanda - Não pode encontrar ele, sr. Fátima; parece-se que esse vento da face da terra. (lembrando-se de algo) Pego desculpa, sr. Fátima, já ia se esquecendo... O ministro... quer dizer, os ministros, os 16, chamam e saíram ao telégrafo imediatamente. Foi por isso que vim correndo...

Tipatesco - No telégrafo? Que será que eles querem agora?

Fristanda - Não sei, não senhor, mas estão tocando há mais de uma hora, sr. Fátima, é bom a senhor ir já...

Tipatesco - Maldade política... Tenha coragem, Isabel... Eu vou lá...

Isabel - Vai.

Tipatesco - Vouso já (balça-lhe a mão) seja razoável. Não se preocupe porque ainda não há nada perdido. Até já.

Isabel - Até já! Como é que eu posso amar este homem! (fica pensadora. Fristanda observa Tipatesco sair).

Fristanda - É. Não!

Isabel (assustando-se) - Ah! Você se assustou, então... Que foi agora? Vai agora e se deixa em paz.

Fristanda - As suas ordens, não se esqueça. (Pausa) É que está aqui uma pessoa... uma pessoa que a senhora conhece bem... queria falar com a senhora, mas hesitava... Foi por isso que disse ao sr. Fátima que os ministros queriam falar com ela... Foi mentira, para que a parte pudesse ficar a sós. Então, mas foi para o bem bem! Vai recebê-lo?

Isabel (estava aborrecida) - Receber quem?

Priscinda - Quem? Quem!... o sr. Catavenco!

Joé (saltando) - Catavenco! Ele está aqui? Onde está chitão? Que venha já!
Vai chamá-lo, depressa! (muito apressado).

Priscinda - As suas ordens! (vai ao fundo, à esquerda, e volta com Catavenco)
entre, desculpe-se, entre, (vai imediatamente).

Joé (precipitando-se sobre ele) - Sr. Catavenco, o senhor quis se arruinar
e se arruinar também. Por que fugiu? Por que desapareceu assim, sem
saber das minhas? O governador tem uma letra de crédito sua; o senhor foi
ver as assinaturas para receber os cinco milhões daquela multinacional.
Sabia que ele o tinha?

Catavenco - Sabia, minha senhora, sabia (desolado) mas, que posso fazer?

Joé - O senhor é um imbecil! perdeu a chave? E ainda se pergunta o que
há para fazer? Então não sabe? Eu lhe entrego a letra e o senhor me
devolve a carta; ou o salvo e o senhor me salva!

Catavenco (desolado) - Minha senhora, minha querida senhora, isso é im-
possível...

Joé - O que?

Catavenco - A sua carta... já não a tenho!

Joé - O sr. está mentando.

Catavenco - Não sou eu, infelizmente. Antecorreu à noite, durante a
confusão na assembleia, eu perdi.

Joé - Então é verdade que você a perdeu?

Catavenco - É...

Joé - Perdeu minha carta e não sabe, nem sequer suspeita, de onde ela pode
parar?

Catavenco - Não.

Joé - Não?

Catavenco - Não...

Joé (desesperado) - O senhor está arruinado!... arruinado!... Não, talvez,
escape... sim, porque eu ainda posso escapar... mas o senhor (com
fúria) o senhor está perdido. Quando o fundo o prendeu, fui eu que
o saltei... agora sou eu que vou andar prendê-lo e não será mais
segundo eu não encontrar a carta... Ah! o jogo mudou, sr. Catavenco...
a sorte começou a deixá-lo e a passar para o nosso lado... está
perdido! não, perdido! (gritando para o fundo) Chitão! Chitão!

Catavenco - Minha senhora, pelo amor de Deus!

Joé - Chitão!... (a Catavenco) Não tanto fugir... O senhor não tem nada...

salvação... acabou... Gaites! Gaites! (Dirige-se ao fundo e dá de cara com o cidadão)

Cidadão (entrando à vontade) - Não é o Gaites, seu sr...

Joé - Quem procura?

Catavencos (à parte) - Maldivos!

Cidadão - Procurava a senhora, d. Joé.

Joé - Que coisa de mim?

Cidadão - Olha! o sr. Catavencos! Viva, excelência!

Joé (surpreso) - diga o que quer, por favor.

Cidadão - Quero é poder. Eu só tenho uma coisa a dizer: vil anco de pai e todos! (Joé impressionado) Eu, d. Joé, encontrei uma carta.

Joé - Eu sei, e desejo que o senhor Catavencos a entregue de você...

Catavencos (vencido) - Por favor...

Cidadão - Não esta. Agora sei outra!

Joé - É o que é que eu tenho com isso?

Cidadão - Não se angustie, já vai ver. Ainda não disse tudo. Eu, antes de se tornar contribuinte, era carteiro... O senhor Lacarias até me conheceu...

Joé - Ora, vai embora e se dedee. Gaites!

Cidadão - Quando levei uma carta ao seu endereço, se não encontrava o destinatário, escrevia à lápis: "destinatário desconhecido" ou "ausente ou ainda "falecido", conforme a informação que tinha. (Joé impressionado no fundo) Mas, se encontrava o destinatário, então não havia problema, entregava a carta. Por exemplo: aconteceu à noite, na ausência, com aquela confusão, encontrei uma carta...

Joé - Uma carta?

Catavencos - Uma carta!

Cidadão - Isto mesmo, sr. Sae, uma carta.... Não vages beber um trago?

Joé (acionado) - Deixa ver!

Cidadão - A carta é do sr. Facios, o destinatário é d. Joé.

Joé - Se dá, depreenda! Ela está com você?

Catavencos - Desta vez estou liquidado!

Cidadão - Desta vez eu não a perdi, não .. (acaba e aponta Catavencos) o nome excelentíssimo!

Joé (arrancando a carta de Cidadão) - Ah!

Catavencos (indo ter com o cidadão) - Idiota! Pegou o trem errado. Se vier se não procurar, teria feito sua fortuna.

Cidadão - Não podia... "destinatária com domicílio conhecido". (acosta Zol).

Zol (refeita da anção) - Meu caro senhor, meu caro senhor, o senhor é um homem admirável, um homem como não há outro igual, diga-me como se chama, por favor... diga para eu lhe agradecer...

Cidadão - Não vale a pena dizer o meu nome, o sr. Zacarias me conhece bem, desde o 31 de março. Sou um cidadão... não interessa...

Zol - Como posso lhe agradecer? Que posso fazer pelo senhor?

Cidadão - Diga-me em quem hei de votar. Já tenho quinze minutos e depois, fecham as urnas. Em quem eu voto?

Cataveneco (com amargura) - No sr. Agamenon Dantasinho.

Zol (a ele, com desprezo e amargura) - O senhor ainda tem coragem de falar? É ainda por cima leal? Ah! Não tem vergonha mesmo.

Cidadão - Mas é verdade o que ele disse?

Zol - É, sim. Talvez seja a única verdade que o senhor Cataveneco disse em toda a sua vida.

Cidadão - Então... vou votar... (vai sair) Mas como é que ele se chama?

Zol - Sr. Cataveneco, diga o nome do candidato. (Cataveneco não se manifesta. Zol lhe mostra a carta) Sr. Cataveneco....

Cataveneco - No sr. Agamenon Dantasinho.

Cidadão - Deixe eu ouvir, pois não há tempo a perder. (Zol e Zol se acomodam até a porta. Ao voltar, sacode a carta no chão)

Cataveneco (caído aos seus pés) - Minha senhora, peço que me perdoe...

Zol (com ajeite) - O senhor peço que é um homem muito mal e eu vou provar que sou bom...

Cataveneco (humilhado) - Minha senhora!

Zol - Pare de tramar! O senhor está maluco.

Cataveneco - Sinta-se confuso... meus agradecimentos...

Zol - Com uma condição: depois das eleições, haverá uma manifestação de respeito e o senhor vai comandá-la...

Cataveneco (presto e submisso) - Enterei na primeira fila, senhora.

Zol - O senhor presidirá o banquete popular nas jardins da Câmara.

Cataveneco (na ruína) - Presidirei...

Zol - O senhor estará junto com o povo e fará os brindes...

Cataveneco - Deverei... brindarei...

Zol - E depois virá aqui com os outros, saudar o deputado eleito e o governador, em nome do eleito...

Cataveneco - Sim, sim...

João - Estamos de acordo?

Calisto - De acordo.

João - Pode ir, então, tomar lugar na ponta da mesa, e cuidado! Estas crianças não serão as vítimas!

Calisto - Deixo-lhe as mãos. A senhora é um anjo.

João - Obrigado pela gentileza... mas vá depressa...

Calisto - Vou correr! E juro que não se arrependerá. Meas agradecimentos (and correndo).

João (solista) - É verdade ou estou sonhando? Fancica! (pele a carta, dedilhando a e suspira) Ah! já passou... Fancica! (and pela esquerda).

Trabacuco (entrando pela esquerda, com Dandacuco) - Ah! Já entre nós, a confissão, a luta foi dura, apesar de que disse. Acusaram coisas terríveis.

Dandacuco - Que coisas, meu caro?

Trabacuco - Infâmias. Imagine que um patife, um canalha, para influenciar o Tipatoco... o Fancica, sabe... o governador... (Dandacuco está a tanto, mas com a cara de que não entende nada)

Dandacuco - Ah, sim, é isto! O senhor não é o Governador. (ao longe, corre-se uma marcha)

Trabacuco - Ou para indagar o Fancica consigo se com a minha família... trouxe uma carta de amor, fingida que era do Fancica, do governador... para a João, a minha mulher... E imitou a letra dele... e bem limitada... como documento falso era de primeira...

Dandacuco - No seu caso não, o documento era verdadeiro... (o som da marcha muda para um som de vivas)

Trabacuco - Como?... Verdadeiro?...

Dandacuco - A carta era mesmo da dita pessoa... sim, do soldado.

Trabacuco - Como? Que susteiras!

Dandacuco - O soldado!

Trabacuco - Quem?

Dandacuco - Não posso-lhe dizer. É um grande tipo, pessoa bem colorida... quando bate o pé - ou a minha eleição ou a carta no jornal - pergunta-lhe! Integrava para cá propõe-se ao nome.

Trabacuco - Não entendo, (à parte) está atordoado de viagem... de volta... a família...

Dandacuco (à parte) - Não é nada exposto este governador, Fancica disse que a mesma identidade e com todos os poderes...

(Música e exclamações mais fortes)

João (encarado com tipotecno, alegre, sem ver os que já estão em casa) - Portanto, como você viu... (vendo os dois, muda de tom) Finalmente, depois da tempestade vem a bonança... Sr. Bandarra, o almoço será servido dentro de meia-hora...

Bandarra - Eu disse, "eventualmente" ao senhor governador, e não próprio" eu disse...

Tipotecno - Ao senhor governador?

Bandarra - Sim, ao senhor governador (aponta Trabassão, que fica à parte com João)

João (baixo a Trabassão) - E então, por que não, postou do teu amigo?

Trabassão (baixo) - É inteligente... mas parece-me do gênero oportunisto.

Bandarra (à Tipotecno) - O governador estava contando as histórias daqui, das eleições, com a carta... o documento falso (movimento de João) e eu estava contando que no seu caso a coisa foi verdadeira... com o solteirão...

João (a Bandarra, baixo) - Sr. Bandarra, o senhor promete não voltar a falar nessa história...

Bandarra - Eu prometi? Não? (rêpido) Quando foi que eu prometi? O quê? À quem? (lembrando-se) Ah, sim, eu não... eu não...

(Entre convidados com muitas vivas e exclamações de festa. Todos saem com uma taça na mão, chita entra com 3 taças e mais e as entrega aos que estavam em casa).

Sra. Parfúridi - À saúde do senhor Aguiar Bandarra, nosso deputado e eleito. Viva o senhor deputado! Viva!

Todos - Viva!

Bandarra (aparece no centro por João e Tipotecno) - À saúde das eleições... que procuram seu patriotismo e se dedicaram... (não escuta a palavra) bem... quero dizer... ah, sim, os seus sufrágios... quero dizer... falta-me a palavra... enfim... à vossa! (Viva e trindades).

Trabassão (o convidado que se aproxima dele) - E então, excelência, o senhor está satisfeito?

Trabassão - Querêr o senhor saber, em circunstâncias de importância histórica como esta, (movimento) os primeiros suportes devem ser considerados.

Trabalhada - Isso é que falar! Bravo! À sua!

Castanheira - À saúde do nosso venerável e imparcial presidente Trabalhador (viva o bolado)

Cidadeão - À saúde da d. Dô, porque ela é uma grandelocinha (abraço) nobreza (viva e brinde)

Castanheira (falando, a Tipitaca) - Perdoem-se e fiquemos amigos. (Exclamativo) Porquê todos são amigos o nosso país, somos todos brasileiros... e mais os nossos heróis (Tipitaca ri) À saúde do nosso estimado governador! Viva o nosso Governador, imprescindível para a felicidade do nosso distrito!

Trabalhada (avanzando alegre para a mãe da cora) - Um momento de paciência! Eu não contarei governador nenhum. Não há governador para mim. Para mim há um amigo. À saúde de Fânica! Viva Fânica, para a alegria dos nossos amigos. (Abraço Fânica).

Castanheira (palito bilando) - Não sei! Depois de lutas acaloradas, que duraram porção de vinte anos, eis, finalmente, o nosso país realista, justo, o republicano, hoje o catanheira (dizem, a tristeza, hoje a alegria! eis as vantagens do progresso. Eis os benefícios do sistema constitucional!

Trabalhada - Exatamente. Constitucional!

(Todos começam a formar grupinhos e conversar entre si, sem dar importância ao Cidadeão que procura conversar com eles).

- Fim -